

REVISTA DO ENSINO

APPARECE A 15 DE CADA MEZ

SUMMÁRIO de 15 de Fevereiro de 1912



Barão do Rio Branco (MASCALA E NOTÍCIA)	<i>Redacção.</i>
Biologia (MÉTODOS: OBSERVAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO, EXPLICAÇÃO PATHOLÓGICA, COMPARAÇÃO.—HYPÓ- TISES DA BIOLOGIA: A THEORIA DA EVOLUÇÃO)	<i>Acylino de Leão.</i>
História da Terra (QUINTA E SEXTA ÉPOCAS)	<i>S. de Padilha.</i>
Questões de Grammatica e philologia (NOTAS SOBRE AS PROPOSIÇÕES)	<i>Teodoro Rodrigues.</i>
Curiosidades scientificas (CÓRDES PROTECTORAS DOS ANIMAES)	<i>Octávio Graça.</i>
O Ninho	<i>Francisco Vianna.</i>
Máximas Pedagógicas (SENTENÇAS DE PESTALOZZI)	<i>Teodoro Rodrigues.</i>
A Instrucção (POESIA)	<i>Augusto Olympio.</i>
Ensino Público (EXCERPTOS DO RELATORIO DE 1911, APRESENTADO AO GOVERNADOR DO ESTADO)	<i>F. R.</i>
Páginas escolhidas (PADRE ANTONIO VIEIRA)	<i>Jeris Koris.</i>
Nóbulas d'arte (CONCERTO JOÃO NUNES)	<i>Ferreira dos Santos.</i>
O ensino misão no Brasil	<i>F. de S.</i>
Festas escolares (ESCOLA NUCLEAR, INSTITUTO LAURO SODRÉ)	<i>J. F.</i>
Pelo Magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VARIAS)	<i>N.</i>
Notas e Notícias	
Legislação do Ensino	
A Revista	

A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A CAIXA POSTAL N. 502

BELEM

PARÁ—BRASIL

Director: Desembargador **AUGUSTO OLYMPIO** — *Redactor-chefe:* **FLÉXA RIBEIRO**
(SECRETARIO D'ESTADO DO INTERIOR)

Secretario geral: **OLAVO NUNES**

Redactores: Drs. LEOPOLDINO LISBOA E JURUEMA FRANCO

Principaes collaboradores

DR. R. MOEIRA DE SOUZA, PROFESSOR JOÃO DE FIGUEIREDO,
ALVES DE SOUZA, DR. ACYLINO DE LEÃO, PROFESSOR EUSTACHIO DA COSTA
RODRIGUES, DR. PAULINO DE BRITO, DR. THEODORO BEAGA, A. DUCKE,
ALFREDO LAMARTINE, DR. VIRGILIO CARDOSO, DR. JOÃO CHAVES,
DR. OSCAR DE CARVALHO, DR. PAES BARRETO

A REVISTA DO ENSINO tem suas columnas francas á collaboração dos membros do magistério
público e pessoas dedicadas
ao estudo das questões de ensino, sob censura da redacção

Para tudo o que fôr concernente á REVISTA DO ENSINO, dirigir-se ao
sr. Olavo Nunes, na Secretaria do Interior (das 9 ás 11 horas do dia)

ASSIGNATURAS

Pará.....	Doze mil réis, por anno
Outros Estados.....	Quinze mil réis
Número avulso.....	Mil e quinhentos réis

Para o professorado primário official será de 10\$000 a assignatura annual.

Todo assignante da REVISTA DO ENSINO terá direito a uma bella capa, trabalho original de reputado professor de desenho, impressa em percalina, e que se-á distribuida quando completo o 1.º tomo, para sua especial encadernação.

Publicação official de sciencias, letras e especialmente de
pedagogia.

LIVRARIA BITTENCOURT

TYPOGRAPHIA PAPELARIA PAUTAÇÃO

LIVROS de instrução primaria e secundaria, romances, postaes e papeis
de todas as qualidades

METHODOS para piano, violino e outros instrumentos.
OPERAS completas e papel para copiar musica.

O mais variado sortimento de revistas modas e livres religiosos

Grande deposito de musicas classicas e de dança.

Objectos de apurado gosto proprios para presentes.

UNICO deposito dos afamados pianos de
M. F. Rachals & C. e Carl Mand'

Fabrica de livros em branco.

Imagens, Terços, Estampas, Medalhas, e Livros Religiosos

CASA ESPECIALISTA EM JORNAES DE MODA

Preços reduzidissimos

R. L. BITTENCOURT & COMP.

15—Rua 15 de Novembro—15

PARA'—BELEM

Consultório Médico Cirúrgico

Largo da Misericórdia, 14 (esquina da Rua 13 de Maio)

Das 9 ás 11 horas da manhã, e das 2 ás 6 da tarde

Dr. Carlos Ornstein



Dr. Acylyno de Leão

Dr. E. d'Utra-Vaz

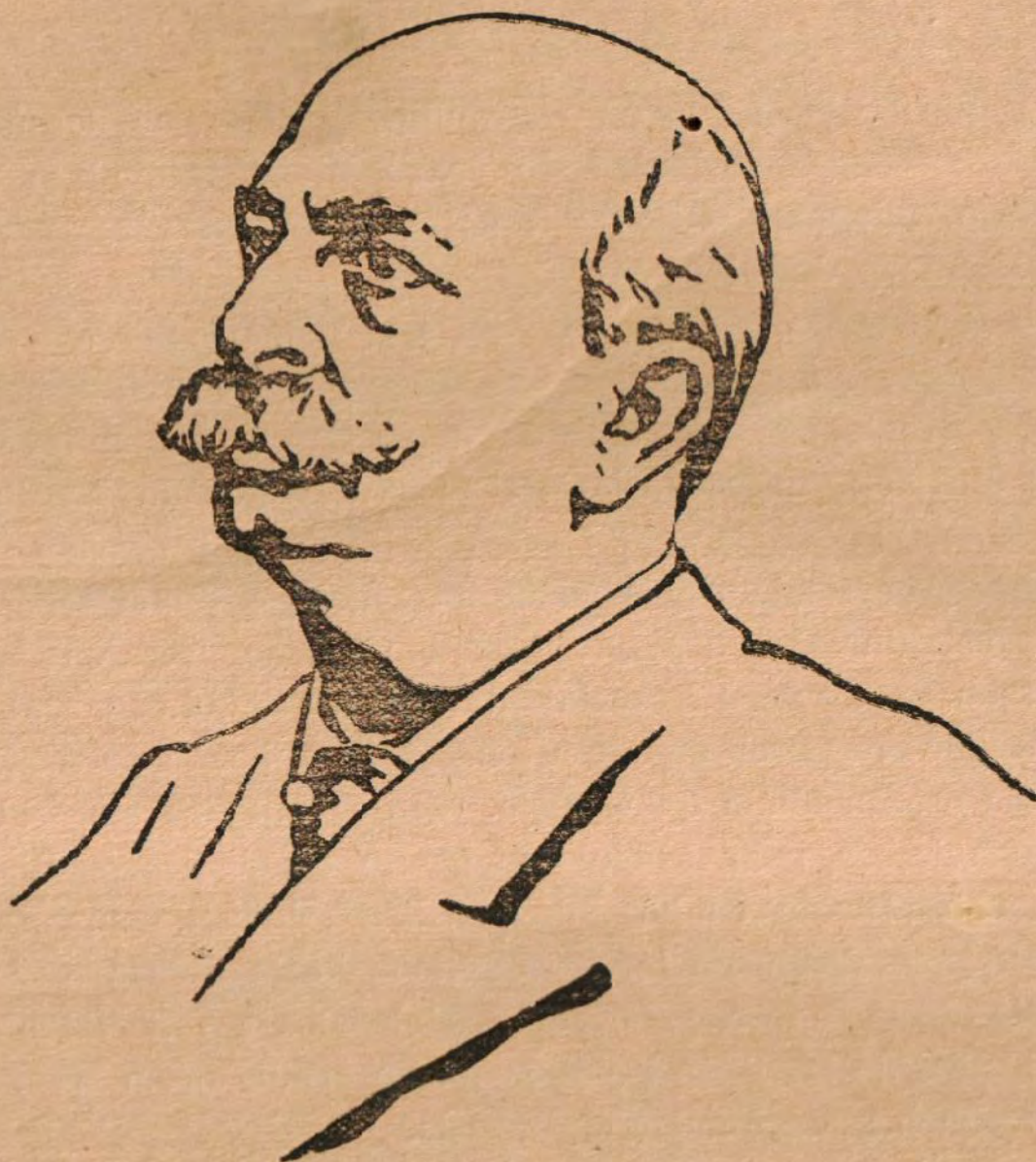


Dr. Oswaldo Barbosa

Instalação completa de Agentes Physicos

Raios X, Luz de Finsen e Uviol, Electricidade: galvânica, farádica, alta-frequência, banhos hydro-elétricos, cautério, endoscopia, electrólise, ionização; Méthodo de Bier, Ar quente, Massagens. Operações (instrumental aperfeiçoado, aparelhos de esterilização) Injecções endovenosas de Salvarsan (606)

Diagnóstico pelos Raios X (Radioscopia e Radiographia) nas moléstias internas, tumores, fracturas, corpos extranhos. Cura pelos Raios X: das Tinhas, Sycoses da barba, Verrugas, Cancroides, Cancros do seio, Escróphulas. Cura pela Luz: do Lupus, Acnes ou Espinhas, Manchas. Tratamento pela Electricidade: da Hysteria, Neurasthenia, Parálisias, Fraqueza geral, Gota, Diabetes, Obesidade, Arteriosclerose, Rheumatismo, Dyspepsias, Vômitos incoercíveis, Prisão de ventre, Varizes, Aneurismas, Metrites. Cura pelo Bier: de Ulceras, Feridas atónicas, Furúnculos, Anthrases, Inflammações.



José Maria da Silva Paranhos Junior

Barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores do Brasil, nascido
na cidade do Rio de Janeiro a 20 de
abril de 1845, e alli fallecido a 10 do corrente mes.

Barão do Rio Branco

Em meio a sua obra grandiosa, de traçar definitivamente o mappa dos limites do Brasil, foi surprehendido pela morte o eminente Barão do Rio Branco, ministro que era havia 10 annos, das Relações Exteriores.

A consternação que invadiu a alma nacional, e as demonstrações de pezar que o estrangeiro quis significar-nos, bem assignalam o valimento do papel que desempenhava na vida do País e no scenário internacional o grande brasileiro.

As qualidades superiores de Rio Branco nasciam dum sentimento acrisolado das coisas da pátria, e duma consciência crystallina da obra que o destino lhe depusera nas mãos. E assim, o traço diferencial da personalidade moral do chanceller era precisamente a tenacidade animada na acção, a certeza preconcebida da victoria, pela espontânea sinceridade nas convicções, pelo decidido empenho em dedicar-se d'alma aberta, té ultimar o labôr iniciado. Esses dotes de sua figura moral, que a destacam fortemente no meio da tibieza e inconstancia desta sub-raça, eram desdobrados e reflectidos por qualidades de intelligência e complexa erudição em assuntos de direito internacional e diplomacia.

Entre os seus maiores feitos, como diplomata, vem á primeira plana a reconquista do *Amapá*. O que foi essa obra de erudição e tacto diplomático dil-o a geração presente, que tanto applaudiu o eminente advogado, pois que o succedido ainda é de hontem.

Sua carreira pública foi repleta de serviços á Patria, e *Missões, Amapá, Acre, Lagôa-Mirim* avultam como marcos luminosos dessa carreira inolvidavel: é que no grande coração do brasileiro o amor da terra em que nasceu merecia o culto fecundo duma perenne admiração.

Raros patriotas têm feito pelo Brasil trabalho mais exemplar, maior excellência demonstrado na dedicação, no zelo carinhoso, no afan inquebrantavel de alevantar na sociedade internacional o nome e o prestígio da nossa nacionalidade. Para a política da América do Sul, Rio Branco fôra sempre o pêndulo registador das relações de fraternal harmonia. O insigne chanceller era uma constante garantia de tranquillidade e de paz entre as repúblicas visinhas.

A' fonte de tão poderoso amôr á patria a juventude brasileira deve de ir beber os sagrados ensinamentos, a virtude incorruptivel do verdadeiro modo de amar e engrandecêr a nação.

Nas excelsas qualidades do Barão do Rio Branco, perde a Paz, um grande amigo, e o Brasil, um filho opulento em serviços á sua grandeza, á sua gloria, ao seu nome, ao ovante successo de suas conquistas no seio da civilização.

*Quem da nação o solo augmenta,
A própria Pátria representa.*



BIOLOGIA

Métodos: observação, experimentação, exploração pathológica, comparação.—Hypótheses da Biologia: a theoria da evolução.

Por ACYLINO de LEÃO

A Biologia distingue-se das outras sciências não sòmente pelo ponto de vista de doutrina, isto é, de objecto, tal como resaltou da própria definição, mas também por seus meios de investigação, ou métodos. D'estes, alguns, provindos das sciências anteriores, lhes são adaptados, com desenvolvimentos particulares; outros são de seu uso exclusivo.

A *comparação* dos casos semelhantes e também dos casos diferentes dá-nos o meio de fazer variar, em larga escala, as circunstâncias biológicas.

Por causa do grande número de animaes e de vegetaes existentes no globo, uma particularidade orgânica se apresenta ao observador sob as mais variadas fórmulas possíveis.

Cada indivíduo fornece de per si matéria á observação, devido ás mudanças que as diferentes edades acarretam ao seu organismo. Tal succede em embryologia, principalmente dos vertebrados; foi o exame systemático das diversas phases de desenvolvimento, do óvulo ao embrião e ao feto, que permittiu, comparando-as entre si na escala zoológica, formular a lei da ontogênese, um dos princípios capitaes da theoria do transformismo: «o desenvolvimento de um ser isolado (*ontogenia*) representa d'um modo geral uma curta recapitulação do desenvolvimento na série dos organismos (*phylogenia*).»

A existência das anomalias e monstruosidades contribue ainda, em suas variações, á applicação d'este método: o monstro é muita vez representante regressivo de uma fórmula ancestral, em parte ou no todo, legada por atavismo.

Foi o método comparativo que produziu as classificações em Biologia. Pela observação dos caracteres externos a princípio, dos caracteres internos depois e, afinal, das diver-

sas phases de desenvolvimento, verificam-se quaes são os organismos que mais se parecem em todas as partes, quaes os mais semelhantes em cada attributo importante, quaes os que possuem os mesmos caracteres primordiaes.

Na comparação em Biologia há o emprego dos sentidos. Em relação ao ouvido e á vista, adopta instrumentos de augmento ou de precisão, que facilitam ou permitem explorar mais miudamente, de maneira a descobrir particularidades orgánicas e funcionaes, ou germens pequenos. Taes o microscópio, o esthetoscópio, o thermómetro, o colorímetro, o laryngoscópio, o ophthalmoscópio, os raios X, a microphotographia, a microcinematographia, o ultramicroscópio. A observação biológica também emprega largamente a análise química dos diversos productos do organismo.

A *experimentação* é o segundo modo fundamental de investigação biológica.

Comte aprecia com severidade o character philosophico da experimentação biológica, pois quasi nunca se obtem o conjuncto tão complexo das condições variadas que ella exige. Por essas falhas o método está, ao ver do sábio, longe de constituir o modo geral de exploração melhor apropriado á natureza dos phenómenos vitaes. Assim, salvo um pequeno número de felizes excepções, as experiências physiológicas têm até aqui suscitado ordinariamente embarços scientificos superiores aos que se proponha a resolver, e, d'outra parte, atravancado a sciência de pormenores ociosos e incoherentes (Comte).

Provoocar, á vontade, um phenómeno funcional que se reproduz sempre nas mesmas condições, tal é o experimento nos seus fins e nos seus resultados, e cuja realização constitue uma *experiência*.

A observação do jôgo natural e expontâneo das funções do organismo concorre, em uma certa medida, aos conhecimentos de physiologia, do mesmo modo que a observação do jôgo perturbado d'essas funções pela moléstia, a qual faz verdadeiras experiências no vivo. Mas essas fontes de nossos conhecimentos são mui limitadas, sobretudo porque é preciso esperar a realização do phenómeno, difficilmente apreciavel na sua complexidade.

A experimentação, ao contrário, permite ir, voluntariamente, com rapidez, á conquista d'esse conhecimento. O ex-

perimentador domina, por assim dizer, o phenómeno que provoca; seu principal meio de agir, seu mais fecundo instrumento de pesquisa e de anályse é a viviseccção.

A facilidade do méthodo fel-o quási exclusivo em physiologia, e, na arte de curar, dirige todo o movimento moderno, em diagnóstico e em therapêutica, com a medicina experimental. Alçou inda mais aléna o seu prestígio, penetrando em psychologia, e empós na arte, com o romance experimental de Zola, e, em religião, com a História das Origens do Christianismo, de Rénan.

O terceiro méthodo é a *exploração pathológica*.

Segundo um princípio de Broussais, o estado pathológico não differe radicalmente do estado physiológico, em relação ao qual não pode constituir, sob qualquer aspecto, senão um simples prolongamento mais ou menos extenso dos limites de variação, seja superiores, seja inferiores, próprios a cada phenómeno do organismo normal, sem jamais produzir phenómenos verdadeiramente novos, que não tenham, em um certo grau, seus análogos puramente physiológicos.

D'ahi, o feito de serem os phonómenos mórbidos eminentemente próprios a aperfeiçoar os estudos relativos ao estado normal.

A *comparaçção*, o mais indirecto e difficil dos méthodos biológicos, é especial á Biologia, e, ao lado da doutrina, é o característico de sua autonomia. E' sómente no estudo, quer estático, quer dynâmico, dos corpos vivos que a arte comparativa pode tomar o desenvolvimento que a caracteriza.

Sob o ponto de vista puramente anatômico, todos os organismos possiveis, as partes quaesquer de cada organismo, e os diversos estados de cada qual apresentam um fundo commum de estructura e de composiçção, d'onde procedem necessariamente as diversas organizaçções mais ou menos secundárias que constituem os tecidos, os órgãos, os aparelhos.

Da mesma maneira, sob o aspecto physiológico, todos os seres vivos, desde a ameba ao homem, considerados em todos os actos e em todas as épocas de sua existência, são essencialmente dotados d'uma certa vitalidade commum, a irritabilidade, primeiro fundamento indispensavel dos innúmeros phenómenos que os caracterizam gradualmente.

Os que têm criticado a theoria da evoluçção ou transformismo, estribam-se sobretudo no character artificial da experi-

mentação, que elles suppõem o apoio primacial da doutrina. Tal, porém, não se dá.

A experimentação, por mais facil, tem sido mais amplamente utilizada, com o fito de mostrar, praticamente, que uma dada espécie, em condições particulares de meio e de cultura, pode modificar-se, transformar-se, a ponto de parecer uma espécie inteiramente nova. Isso é apenas uma pequena face do phenómeno, pois não é possível, no estado actual do planeta, forgicar artificialmente as circumstâncias de aspecto e de tempo, infinitamente variadas, da sua vida geológica e cósmica.

O argumento mais poderoso do transformismo é justamente dado pelo método da comparação, considerado pelo gênio de Comte como o mais próprio á Biologia sob o ponto de vista philosophico.

Quando se estuda comparativamente os diversos animaes que compõem um mesmo grupo, verifica-se que o plano geral de sua organização é idêntico em todos. Os mesmos órgãos encontram-se na mesma situação relativa, e constituídos pelas mesmas partes dispostas na mesma ordem. Essa identidade de plano, percebida por Cuvier, foi desvendada principalmente por Geoffroy Saint-Hilaire, que fez d'abi o ponto de partida de sua theoria da *unidade de plano de composição*.

A parecença não está sòmente na grossa anatomia, isto é na presença de órgãos homólogos, collocados e constituídos da mesma maneira nos diversos animaes. A histologia verifica a mesma coisa quando estuda a intimidade dos tecidos: não ha maneira de distinguir, pela estructura, o tecido ósseo do cão ou do macaco, do tecido ósseo do carneiro, ou do homem. A physiologia é, por sua parte, idêntica, e um acto digestivo ou respiratório em dado animal não differe essencialmente do de outro. A embryologia traz ao transformismo um amontoado de factos probantes: primeiramente, todo animal tem por origem um ovo, simples célula, que dá, em se dividindo, um embryão pluricellular; em segundo logar, comparando, em vária phase, os embryões de espécies parecidas, não se consegue distinguir entre elles, differençando-se nitidamente só quando já próximos do estado fetal. A paleontologia, estudando animaes fosseis, permittiu comparar as fórmulas actuaes com as desaparecidas, e descobrir entre ellas homologias e analogias. Há, como se sabe, entre duas espécies, ou classes próximas, um ponto extremo, em que o animal ou a

planta tem misturados os caracteres de ambas: o *Ornithorhynchus paradoxus*, mammífero monotremo, põe ovos como os répteis e as aves, tem um bico de pato e os dedos unidos por membrana, ao mesmo passo que o seu pello é algo de indefinido com a pennugem das aves. Esses typos intermédios desapareceram em geral; alguns encontram-se no estado fossil, permitindo reconstituir a marcha da evolução das fórmulas animaes.

São cinco as maneiras de comparar em Biologia, seguindo a ordem de seu encadeamento racional e de seu valor scientifico: 1.º) comparação entre as diversas partes de cada organismo determinado; 2.º) comparação entre os sexos; 3.º) comparação entre as diversas phases de desenvolvimento; 4.º) comparação entre as diferentes raças ou variedades de cada espécie; 5.º) emfim, e no mais alto grau, comparação entre todos os organismos da jerarchia biológica.

Foi d'esta série de comparações que surdiu a theoria da evolução, em que se pensa que cada espécie provém d'uma outra por transformação lenta e gradual. Tem todos os caracteres de uma hypóthese legítima (Bain), pois se adapta a um grande número de factos e não é incompativel a nenhum; seu valor é proporcionado pela quantidade de phenómenos que explica, comparada aos que não consegue elucidar.

A modificação que, de uma geração a outra, soffrem os animaes e as plantas, é um facto verificado. Essa modificação se produz ainda mesmo quando as circumstâncias exteriores não mudam. Quando as circumstâncias se alteram, a modificação torna-se muito mais consideravel.

O encontro de espécies análogas nas mesmas latitudes, e as profundas differenças das espécies que vivem sob climas diversos, são factos favoraveis á doutrina da evolução e contrários a qualquer outra hypóthese (Bain). Quanto seria inexplicavel a analogia da mão do homem, da pata do cão, da asa do morcego, na doutrina que admite para cada espécie um acto distincto de criação! (Darwin)

Entanto é mui facil explical-a aos que acceitam que todos os organismos provém de uma fonte única, célula inicial, que deu, por subdivisões successivas, seres multicellulares mais complexos, e depois diferenciados em tecidos, em órgãos, em aparelhos, até á extraordinária complicação do homem, ponto mais alto de estructura e de função a que a vida attingiu na Terra.



História da Terra

[DE L. BROTHIER, trad. especial para a Revista]

LIÇÃO V

Quinta e sexta épocas

Todos os terrenos sedimentários de que temos falado, ainda ha poucos annos, eram comprehendidos sob uma mesma denominação geral de *terrenos de transição*, porque, se bem que estratificados, (o que os confundia com os outros terrenos de sedimento), continham mármore, schistos, enfim matérias cristallizadas que se pensava serem de origem ígneas. Hoje que sabemos ser esta estrutura resultante de accidentes devidos ao metamorphismo, foi esta denominação abandonada. No entanto, é preciso convir que essas formações antigas se distinguem por diversos caracteres das que mais tarde se produziram. Até ao presente, realmente, vimos derramamentos de matéria fluida acompanhar todos os alevantamentos e modificar profundamente os terrenos elevados. Nada de semelhante se produzirá de futuro; os schistos não serão mais parte integrante e necessária de cada formação, cujas camadas apresentavam sempre vestígios duma vitrificação mais ou menos adiantada. O reino vegetal e o reino animal tornar-se-ão cada vez mais importantes: é pois intuitivo, que as grandes perturbações que esses desprendimentos de fogo liquido traziam á temperatura dos mares e da atmosphera se tornassem cada vez menos frequentes. As lavas ardentes dos nossos vulcões vêm a provar que essas perturbações não cessaram completamente, mas que se continuam ainda no período actual; é de notar sómente que ao envez de se produzirem ellas de fôrma regular e normal, constituirão simples accidentes cuja influéncia ficará cada vez mais circunscrita.

A matéria em brasa que em grandes extensões atravessava e alevantava as camadas sedimentárias durante a primeira idade do mundo, tinha geralmente uma consisténcia pastosa, e, quando sólida, tomava fôrma arredondada, fôrma essa que apresentam de ordinário as montanhas graníticas. D'ora em diante, tornar-se-á ella cada vez mais fluida, e em logar de se elevar em montes, espalhar-se-á em camadas por sobre os terrenos que tiver atravessado. Aos granitos e aos pórfyros seguiram-se matérias análogas

por sua composição, mas de maior fluidez, taes como os *trachytes*, os *basalts*, as *obsidianas*, substâncias mineraes que se approximam, pelo seu aspecto, das lavas vulcánicas modernas.

Não sendo intenção nossa especializar-nos em mineralogia, não nos alongaremos sobre os caracteres particulares das rochas de que acabamos de falar; mas, attendendo ás singularidades que ellas apresentam, não nos é possível deixar de dizer algumas palavras sobre as camadas basálticas, das quaes as mais importantes, se encontram em França, no Cantal e no Ardèche.

Por um effeito de diminuição de volume devido ao seu resfriamento, os basaltos, solidificando-se, racham-se seguindo direcção vertical, e essas rachas, entrecruzando-se de maneira regular, recortam, por assim dizer, a massa total em columnas prismáticas, e geralmente hexagonaes, que se apresentam mui altas, quando essa massa é espessa. Quando nos encontramos sobre a superficie de uma dessas camadas basálticas, calcando aos pés os largos cimos dessas columnas, collocadas umas após outras, temos a impressão de caminhar num calçamento construido para uso de sêres superiores ao homem: vem d'aí o nome de *calçada de gigantes* dado ás rochas que apresentam essa notavel configuração.

Quando ellas se encontram á beira-mar, acontece muitas vezes que as ondas, penetrando entre os seus interstícios, acabam por carregar carreiras inteiras de columnas, formando assim, entre as que permanecem de pé, um canal, cujo tecto é sustentado por numerosas pilastras. Foi o que aconteceu na célebre gruta de Fingal, situada na ilha de Estaffa, uma das Híbridas. Outras vezes as columnas de basalte, quebradas em alturas differentes, trazem á lembrança um órgão menstuoso.

Muitas outras imagens ellas apresentam, e qualquer que seja a sua posição offerecem sempre o espectáculo mais inesperado, o mais pittorêscio conjuncto.

Os granitos, durante o período em que vamos entrar, adquirem maior fluidez, e cobrem as camadas sedimentárias, através das quaes elles poderam penetrar. Assim é, que no Corrêze, França, encontra-se uma hulheira em grande parte coberta por matéria granítica, accidente este inteiramente local, e do qual se não pode concluir que se deva cavar o granito para procurar hulha; porque sendo o granito, como já o sabemos, a mais antiga das rochas, abaixo d'elle seria ainda granito ou rochas análogas que se encontraria, e que se continúa té a immensa cavidade occupada pelo fogo central.

Todas as rochas eruptivas das épocas que succedem á carbonífera, não apresentam sempre o mesmo gráu de fluidez, se bem que seja este o seu carácter particular. A *serpentina*, por exemplo, em vez de se estender em camadas, toma, de ordinário, fórma cónica arredondada, o que basta a indicar ter esta rocha jorrado de terra em estado pastoso.

As serpentinas são rochas massiças, muito duras, refractárias, compostas principalmente de uma combinação química de sílica e de magnésia. Sua maneira de quebrar é análoga á da porcelana; o seu pó é macio e como que

espumoso ao tocar. Passando por todas as nuances, vão ellas desde o verde mais claro, té ao mais sombrio dos verdes. A espécie designada pelo nome de *serpentina nobre*, e que se encontra sómente em pequenos vênios, possui qualidades transparentes. Geralmente as serpentinas apresentam uma multidão de manchas esverdeadas e amarelladas, que as fazem assemelhar-se á pelle da serpente.

Existe nos Altos-Alpes e na Córsega, bellas serpentinas de um verde admiravel, atravessadas por numerosos vênios de carbonato de cal crystallizado de um branco de madrepérola: são ellas muito procuradas para as ornamentações dos palácios e as incrustações de luxo.

Existe, além dessas, uma variedade de serpentina, cinzenta-escura, tão macia, que se a trabalha para fazer certa louça extremamente leve, e que é estimada pela propriedade que tem de resistir a um fogo violento. Esta variedade commum na Valtelina e no país dos Grisões, traz o nome de *pedra de olaria*. Para terminar o que temos a dizer das serpentinas, accrescentemos que ellas contêm, muitas vezes, sulcos de ferro magnético e vênios de differentes metaes. Das da Ilha de Bornéo extrahe-se ouro, platina e até diamantes.

Deixamos o globo terrestre repousando, como uma criança repousa após as crises que acompanham uma difficil denteição. Durante esse período de calma, depositaram-se no fundo das águas uma pedra lioz vermelha, — que se não deve confundir com uma outra mais antiga da formação devoniana, — alguns schistos notaveis pelos vênios de cobre que elles contêm, e enfim, depósitos de pedra calcárea, separados entre si por lagôas, onde se encontram alguns depósitos de sal. Este terreno, que é geralmente muito estéril, foi em alguns pontos substituido por um calcáreo magnético assás commum na Inglaterra, ou por uma pedra friável avermelhada.

Emquanto esse terreno se depositava no fundo das águas, a vida animal começava de entrar de posse das partes emersas e que até então haviam permanecido sem habitantes. Foi pelos amphibios que ellas principiaram de se povoar. Tanto assim, que nos terrenos dessa época, encontram-se animaes meio-crocodilos e meio-lagartos, cuja espécie de ha muito tempo desapareceu. Ao mesmo tempo que novos molluscos, (só encontrados nesse terreno e que são de grande auxilio para se o reconhecer), viviam tambem nos mares, peixes que têm alguma analogia com os estorjões da nossa época, e cujos orgãos mais desenvolvidos são testemunhos dos immensos progressos que se haviam effectuados sobre a Terra.

O movimento de deslocação que pôs a claro as camadas desse terreno estéril, parece ter sido de pouca importância e pequena duração. Assim que elle parou, o trabalho de sedimentação retomou seu curso por um momento interrompido.

Os depósitos que successivamente se formaram e que só se encontram em estratificação discordante com esse mesmo terreno, o que prova sobejamente que pertencem a uma formação differente, são em número de tres, e

por isso se deu ao seu conjuncto o nome de *trias*. O primeiro destes depósitos é formado de *pedras liozes* de variegadas côres, dominando porem o cinzento e o amarellado, rajadas de nesgas vermelhas, róscas ou azues, formando ás vezes um conjuncto assás agradavel á vista. Vêm depois os *calcárecs de conchas*, quási inteiramente formados dessa matéria; e temos enfim os *margaes*, compostos de calcáreo margoso, misturado de argilas esverdeadas, azuladas ou côr de vinho.

Da família das conchas que formavam o segundo desses depósitos não existe, nos nossos mares actuaes, senão um único exemplar—Conhecemos apenas o *náutico* ou o *argonauta*, cujo animal carrega uma incantadora concha de madreperola fluctuante sobre as ondas, como um naviosinho, e ao nadar, estende seus longos braços, que lhe servem de velas e leme; mas á menor suspeita de perigo elle todo se encolhe, e para fugir á perseguição dos passaros do mar, dos quaes seria a preza, faz naufragar a brilhante embarcação de que é piloto.

Além dos peixes e dos enormes lagartos amphíbios pertencentes ás formações anteriores, esse terreno contem as ossaturas de rãs monstruosas, muitíssimo diferentes das que conhecemos, e que devem de ter feito nessa época, a sua apparição no mundo. Até aí não havia existido senão animaes privados de voz, e o coaxar das rãs, deve de ter sido a primeira música que despertou os écos das montanhas deste mundo tão imperfeito ainda.

Não precisamos de dizer que as camadas do novo terreno soffreram, por sua vez, quando inteiramente formadas, novo alevantamento,

E' esta a marcha natural da evolução terrestre, e as leis da natureza são invariaveis.

Até agora, para evitar de entrar em minúcias supérfluas, attribuímos este phenómeno dos alevantamentos sòmente á acção intestina do fluido igneo; e realmente, nas primeiras épocas, o choque das ondas da matéria em fusão contra as frágeis paredes da crôsta solidificada deve de ter sido a causa principal das deslocações que sobrevieram; uma outra, breve, deve de ter surgido.

Quasi todas as substâncias mineraes que, em se solidificando, cristallizam-se, augmentam de volume: ao contrario disso, o volume das que se não cristrallizam, diminue. Todo o mundo sabe que a água, por exemplo, em se congelando, arrebenta, quebra o vaso que a contem, e que a maior parte dos metaes reduzidos a fusão, cessam, em se solidificando, de encher as fórmias que enchiam em estado liquido.

Na hypóthese da cristallização das camadas terrestres que se solidificavam, o resultado desta cristallização foi quebrar-se esse invólucro, da mesma fórmula que a água quebra o vaso que a contem. Esta quebra deve de se haver manifestado por numerosas rachas que seguiam direcções mais ou menos parallelas. As nossas montanhas são compostas de cadeias parallelas, havendo entre ellas grandes depressões, que se póde, até a certo ponto, considerar como vestígios dessas rochas primitivas. Se ao contrario, quisermos suppor

se haver o líquido em chamas solidificado sem crystallizar-se, e por conseguinte, com diminuição de volume, essa diminuição devida á solidificação, sendo mais consideravel que a produzida pelo resfriamento das camadas exteriores, estas camadas concéntricas, naturalmente se separaram, e as exteriores, ainda finas em demazia, não se sentindo mais sustentadas, necessariamente se encolheram, enrugando-se, pregueando-se, tal qual acontece com a casca de uma maçã, cuja polpa interior diminhe de volume, ao seccar. Ora, é esta a fôrma com que se nos apresentam grande número de terrenos.

Ha pois muita razão em crer que essas duas causas, que produziam conjunctamente depressões e alevantamentos não cessaram de agir simultaneamente; uma parte da crosta crystallizava-se enquanto a outra se tornava sólida e se encolhia: a massa que permanecia líquida, ficando ora comprimida, ora ás soltas, em consequência da diminuição ou do alargamento do seu invólucro, dava logar a choques que produziam deslocações irregulares e muitas vezes acompanhadas de erupções de matérias inflammadas.

Não nos pareçam factos extraordinários o rompimento e a deformação deste invólucro. Se nos lembrarmos do que dissemos sobre a intensidade do calor central da terra, acharemos muito razoaveis os cálculos accertos por todos os sábios, e que limitam a 30 kilómetros mais ou menos a espessura da crosta solidificada de nossos dias. Ora 30 kilómetros, relativamente ao raio terrestre que é de 6,366 kilómetros, representam uma espessura bem menor que a pellicula interior da casca de um ovo, relativamente ao seu volume total.

Supponhamos um globo ôco de um metro de diâmetro, fabricado com um barro de dois millímetros e meio de espessura, chêio de um liquido seis vezes mais pezado que a água, e elevado a uma temperatura em comparação da qual a do ferro em brasa nada é, e ter-se-á uma imagem da constituição actual da Terra.

Que deveria então ser quando o invólucro, que o resfriamento conjuncto tornou successivamente mais espesso, era ainda mais frágil que o actual? Se alguma coisa ha que nos deva admirar, é que as menores oscillações do liquido interiôr não o tenham feito voar em estilhaços, o que inevitavelmente teria acontecido, se de principio tivesse a Terra a rigidez que no presente adquiriu, e se o seu estado méio pastoso, tornando-a de qualquer fôrma flexível. Ihe não permittisse de se amoldar, deformando-se, com a violência dos choques interiores que soffria.

Acabamos de dizer que a matéria em fusão que occupa a parte central do globo era seis vezes mais pesada, que a água. Só poderíamos justificar esta asserção, por meio de longos e dificeis cálculos. E eis quando se desenvolve em toda a sua grandeza o gênio humano, quando se revela toda a superioridade desses franzinos átomos que vivem, por um dia, sobre essa fina pellicula que os separa tenuemente dum oceano de fogo! Um desses pygmeus, Newton, soube descobrir uma lei pela qual, podemos determinar o peso da Terra e dos outros planetas, como se fossemos um Deus que os tivessemos suspensos nos pratos de uma balança.

Ora, o peso médio da Terra, segundo os cálculos verificados em experiências decisivas, é igual pouco mais ou menos a cinco vezes o seu peso de água distillada, e como as matérias mineraes que formam o seu invólucro têm, na média, um peso menor, d'aí se conclúe que o peso da matéria em fusão que occupa o interior do planêta é, como já o dissemos, ao menos seis vezes superior ao da água.

S. de PADILHA



Questões de grammática e philologia

NOTAS SOBRE AS PROPOZIÇÕES

A proposição composta e sua classificação.
As orações subordinadas

Sempre, desde quando nos entregamos com dedicação e mesmo com fervor ao estudo da nossa fartissima e bela lingua, esbarramos com essa incoerencia mantida no processo antigo da analize sintatica, o qual não está perfeitamente dentro dos moldes da lojica e muito menos das dieiplinas de um método.

Parece que ha uma pessima compreensão ou um lamentavel descuido dos que nos ensinam a gramatica da nossa lingua no tocante á verdadeira metodização da analize sintatica e, para robustecer o que aqui espendemos, basta que citeamos fatos a que todos os dias estamos assistindo. E' quasi geral entregar o professor ao aluno um livro qualquer e exigir dele uma analize lojica de um periodo.

A maneira por que é feita esta analize é que constitui um dos pontos que nos abalançamos a discutir.

Vemos que o professor catedratico e solenemente diz ao aluno *que tire a oração principal*.

Ora o periodo póde ter uma como muitas orações principais, conforme as coordenadas que encerrar e, certamente, o aprendiz, pelo processo do mestre, considera subordinadas todas as outras orações que tiver o periodo.

Outro caso mais singular ainda consiste em que o professor manda ler um periodo pelo proprio aluno e gravemente lhe ordena *que tire a primeira oração*, aceitando e ensinando —que excelente professor!—que essa é a oração principal, *pelo fato de ser a primeira*

Não nos podemos sujeitar a este modo estranho de ministrar o ensino.

O periodo, como dissemos, pôde ter uma ou muitas orações principais, tantas sejam as coordenadas, porque cada uma delas nada mais é senão uma propozição simples ou uma propozição complexa.

Mas este grave erro resulta da má compreensão que alguns professores ainda têm do processo de analize sintatica, pois que esse processo para eles consiste, unicamente, em tirar orações e analizal-as imperfeitamente nos seus elementos.

Ora, reduzir-se a tirar sómente orações de um periodo, sem mesmo lhes dar a devida classificação é simplesmente fazer, ainda que superficialmente, uma analize chamada frazeologica, que é o primeiro departamento da analize sintatica.

O processo logico, me parece, não deve ser esse e sim o que se lê no *Dicionario Gramatical* do eminente professor, dr. João Ribeiro, estabelecendo as bases da analise sintatica.

Ouzamos ampliar então as regras estabelecidas pelo ilustrado mestre.

- 1^a.—*Dado o periodo, saber que propozição ele encerra.*
- 2^a.—*Se fôr uma propozição simples tirar-lhe os elementos e classificar-os.*
- 3^a.—*Se o periodo encerrar uma propozição complexa, tirar-lhe a oração principal e as subordinadas e analizar os seus termos.*
- 4^a.—*Dado o caso de uma propozição composta, ver quantas coordenadas contem, separal-as e fazer a respectiva analize, observando se essas coordenadas são simples ou complexas.*
- 5^a.—*Haverá no periodo tantas principais quantas coordenadas houver, ou vice-versa.*

Ha outro ponto que dezejo ver elucidado.

Não me parece logica a classificação que muitos professores e gramaticistas dão á propozição composta, declarando-a composta *por subordinação e por coordenação*.

Neste engano, se assim me posso exprimir, incorrem muitos autores de compendios e entre eles estava o erudito mestre, dr. Maximino Maciel.

Na sua bela gramática vem mesmo como doutrina esse principio de propozição composta por subordinação.

Folgo declarar, no entanto, que na gramática do insigne filologo dr. João Ribeiro foi completamente eliminada essa doutrina que eu fui, talvez, o primeiro a combater na *Revista Amazonense*, dedicada aos interesses da instrução publica.

Esse meu modo de pensar provocou uma honroza carta que me dirijiu João Ribeiro, em que me declarava que aceitava as minhas desprezenciozas ponderações.

De fato, nunca eu pude compreender uma propozição composta *por subordinação*, porque a propozição composta, segundo a abalizada opinião de João Ribeiro, nada mais é do que *a que se fórma de varias propozições QUE TÊM A MESMA FUNÇÃO NA FRAZE.* (*Gramática Portuguêsa*, de João Ribeiro, curso superior, 15^a. edição, 1909).

Pois bem: uma vez que a propria definição do illustre mestre declara que a propozição composta é *a que se forma de varias propozições que têm a mesma função na fraze*, considero absurda a classificação de composta *por subordinação* porque orações subordinadas não podem ter absolutamente a função da oração principal.

Não ha, portanto, no meu fraco modo de entender, propozição composta *por subordinação*, pois que essa propozição nada mais é senão a propozição complexa que se forma de uma principal acompanhada de uma ou de muitas subordinadas.

Só ha composta *por coordenação*, formada de orações do mesmo valor, sem subordinação, de maneira que, se o quizessemos, qualquer das coordenadas formaria periodo, sinal do quanto elas são independentes.

Mais um ponto existe que dezejo atacar e pôr a limpo, se para tal empresa tiver forças necessarias.

Um das grandes duvidas que muito me tem intrigado é o caso das orações principais que devem ser, na opinião de muitos, *acompanhadas de orações subordinadas*, principalmente as orações de participio e de infinitivo, porque, dizem eles, essas orações são meros adjuntos adverbiais.

E' isto uma verdade que não aceita contestação.

Firmados neste principio, eles analisam da seguinte fórma esta oração:

Cantando espalharei por toda a parte...

Este *cantando* eles apresentam como simples adjunto adverbial de modo.

De acordo. Mas qual será a verdadeira analyze destas orações:

Estando o dia claro, saimos a passeio.

Estas palavras *estando o dia claro* não têm o mesmo valor de uma clauzula adverbial de tempo, de causa ou de modo?

Parece-me que têm, e é uma oração de gerundio, como aquele *cantando*, do exemplo de Camões.

Não compreendo, pois, porque não se separam essas orações subordinadas de gerundio, destacando-se, no entanto, das principais as subordinadas adjetivas e substantivas.

Pelo que se vê, não ha coerencia nem lojica.

Argumentam que essas orações de infinitivos e de participios são meros adjuntos adverbiais.

Sem querer combater esse argumento, eu faço umas simples perguntas:

—As clauzulas adjetivas não são tambem méros adjuntos attributivos?

Por que se não separam as orações participais e infinitivas da principal, quando as adjetivas e substantivas ficam á parte?

Falem os entendidos na materia, que eu sou simplesmente um dicipulo.

Manáus—1912.

Teodoro Rodrigues.



CURIOSIDADES SCIENTÍFICAS

Côres protectoras dos animaes

A côr dos animaes é muito vária e de longo tempo já se ha notado que ella está em relação com o seu modo de vivêr. Assim é, que os animaes habitantes das regiões áridas e arenosas, como o camello, o leão, os antípodas, vestem-se de uma libré *fulva*. Em sua memória sôbre a *Ornithologia do norte da África*, diz Tristam que no deserto, onde não ha nem árvores nem bosques, e cuja igualdade de terreno não offerece o menor abrigo, os animaes têm absoluta necessidade de serem assimilados pela côr, ao solo sobre o qual vivem. Acontece que a plumagem da parte superior de todos os pássaros, sem nenhuma excepção, como tambem os pellos de todos os mamíferos e a pelle de todas as serpentes e lagartos, são duma mesma côr —amarella queimada.

Wallace demonstrou, com numerosos exemplos, que uma grande quantidade de animaes deve á côr de suas véstias uma efficaz protecção: estas *côres protectoras* servem-lhes para se esconderem dos seus inimigos. Já se havia notado que os animaes que vivem num ambiente branco, num país coberto de neve, por exemplo, revestem-se as mais das vezes, de côr branca que os favorece, ora para fugirem de seus inimigos, ou ainda, na hypóthese de serem carnívoros, para lhes permittir de se dissimularem dos

olhares da preza que espreitam. Assim vemos o urso polar se distinguir entre os da sua espécie, pela sua vestidura branca; a lebre da América do Norte, que habita as regiões de neves eternas, é completamente branca; e, o que mais vem confirmar a nossa supposição, é que innúmeros animaes, cujo pello é mais ou menos escuro na estação do calôr, revestem-se, no inverno, de côres claras, graças ás quaes se confundem elles com o ambiente em que vivem. Assim o arminho branco traz de verão um pello escuro que muda inteiramente de inverno: torna-se então completamente branco, com excepção da extremidade da cauda, que é sempre negra. — Poder-se-ia objectar que numerosos animaes habitando países frios, conservam a sua mesma côr escura o anno inteiro. Wallace observa judiciosamente que neste caso, é muito provavel a mudança de côr lhes não ser da menor utilidade. A marta por exemplo, que vive nas regiões glácidas da Sibéria e da Rússia, conserva sempre o seu pello pardo duma belleza incomparavel: os hábitos desse animal bastam a explicar o seu instincto conservador: alimenta-se elle de favas e frutos, e tal é a sua agilidade que pode caçar passáros pelas árvores.

Se bem que sómente fallassemos até agora das côres protectoras dos mamíferos, é preciso não esquecer que ellas são tambem mui vulgares nos outros grupos de animaes; relataremos alguns dos mais notáveis exemplos: entre os pássaros encontramos o *Lagópède*, que tem de verão uma plumagem que se harmoniza de tal fórma com as pedras cobertas de lichens, no meio das quaes de preferéncia permanece, que podemos passar junto a um bando delles, sem nos apercebermos de sua presença. De inverno, reveste-se de plumas brancas, igualmente protectôras. Entre os répteis, notemos os lagartos que vivem sobre as árvores, e que são dum verde vivo, emquanto que os que se arrastam sôbre as pedras seccas ou sôbre os muros, têm uma côr cinzenta particular. Na classe dos Peixes, vemos os peixes chatos como a sôlia ou a ráia tomarem uma côr que lhes permite de se confundirem com os fundos arenosos em que vivem.

Entre os insectos, a presença das côres protectoras é tão vulgar que se poderia citar infinitos exemplos. Na familia dos Orthópteros ha casos curiosos e interessantes. Todos nós conhecemos a Ponha-mêsa, cujas asas além de serem verde claro, de fórma a se confundirem entre a folhagem, têm ainda nervuras salientes que lembram as nervuras das folhas. Quanto aos *phasmos* offerecem não sómente côres, mas tambem fôrmas exquisitas. São ordinariamente longos e finos, mais ou menos cylíndricos, e assemelham-se a pedaços de madeira morta, a galhos seccos—e a semelhança é tanto mais perfeita que as suas côres acabam de completar a illusão. Conta Wallace haver encontrado, em Bornè, um desses insectos inteiramente coberto de excrecências foliáceas verde-claro, o que lhe dava o aspecto de um pedaço de páu coberto de qualquer musgo-parasita; e sómente após minucioso exame se convenceu de que era véstia natural do insecto, e não musgo. O mesmo autor conta-nos que no Oriente ha uma espécie de Coleópteros que repousam ordinariamente na nervura mediana da folha, e que se parecem tanto com pedaços de excrementos de pássaros, que o naturalista hesita em pegal-o.

As borboletas offerecem igualmente exemplos muito curiosos de côres protectoras. Ha uma espécie, por exemplo, commum no Brasil, (*Callijona aesta*), que se pousa sempre nos troncos das árvores, e cujas asas são pintadas de tal fórma que, vistas obliquamente, se confundem facilmente com a casca grossa e esburacada de certas árvores. Um exemplo ainda mais nótavel apresenta-nos o *Kalluna inachis*. Esta borboleta vive nas Indias: suas asas têm geralmente a côr das folhas sêccas ou mortas; as nervuras simulam absolutamente as de certas folhas.

Encontra-se até a cópia de folhas em todos os grãos de composição: mofadas, furadas, muitas vezes manchadas irregularmente de montículos de poeira negra, tão iguaes aos cogumellos microscópicos que nascem nas folhas mortas, que se pensaria estarem as borboletas atacadas do mesmo mal. A estes caracteres vêm-se juntar os hábitos do insecto que, pelo costume que tem de esconder seu corpo e sua cabeça entre as asas, se confunde inteiramente com as folhas seccas dos silvedos ou das árvores mortas, sobre as quaes elle pousa de preferéncia, quando se sente perseguido.

Estes factos provados, uma pergunta nos acode immediatamente ao espirito. Como explicar as côres vistosas de que se revestem certos animaes, e que, longe de os esconder dos olhares indiscretos, parecem, ao contrário, attrahir a vista, offerecendo assim fácil preza aos inimigos dos desgraçados que dessas côres são dotados?

E' de notar, antes de tudo, que entre os insectos, por exemplo, os que se cobrem das mais brilhantes côres, são insectos carnívoros, ou ao menos dotados de meios de defesa que os põem ao abrigo das perseguições.

Entre as lagartas, encontraremos numerosos exemplares de côres sombrias e protectoras: mas tambem os ha, e innumeráveis, que se cobrem das mais brilhantes e vistosas côres. Ora, estas últimas lagartas, frequentes experiências nol-o demonstraram, são invariavelmente regeitadas pelos faisões, perdizes e outros pássaros affeiçãoados a esse gêneros de nutrição. Os pardaes e os pintasilgos repellem-nas tambem com repugnância, quando se lh'as servem misturadas ás outras lagartas que elles devoram avidamente. Esta repugnância tem a sua razão de ser em certas particularidades de gosto ou de cheiro que caracterizam as lagartas de côres vistosas; de onde se deduz, que essas côres, longe de lhes serem nocivas, tornam-se protectoras; são como uma *libré* que as assignala de longe, aos pássaros rapaces, prevenindo-os assim, de que não devem voltar a destruil-as, após a primeira tentativa feita.

(Trad.)

OCTÁVIO GRAÇA



O NINHO

(Adaptado de Berquin)

Rubens—Mamãi! Mamãi! Veja sò que bonitinho! Apanhei-o com o meu chapéo!

D. Alzira—Ah! Pobresinho! Onde o achaste?

Rubens—Na mangueira grande. Fiquei bem por cima do ninho d'elle. Quando elle ia chegando, larguei o chapéo com as abas voltadas para baixo e elle foi ao chão dentro do chapéo.

D. Alzira—O ninho d'elle está vasio?

Rubens—Não, mamã: tem quatro filhotinhos. Mas a senhora não tenha receio que elles estão todos seguros. Ainda não têm penas: não me escapam!

D. Alzira—Mas que pretendes fazer desse passarinho?

Rubens—Ora esta, mamã! Vou pol-o numa gaiola, que pendurarei á minha janella.

D. Alzira—E os filhotes?

Rubens—Quero-os tambem. Eu lhes darei comida e quando estiverem grandinhos vão para a gaiola. Vou já buscal-os.

D. Alzira—Sinto que não tenhas tempo para isso.

Rubens—Mamã, sabe? Não é longe, é na mangueira grande. Subo num instante e logo estarei de volta.

D. Alzira—Não é porque te seja preciso muito tempo para ires buscal-os. E' que devem vir prender-te. Talvez as praças de policia já estejam á porta.

Rubens—A policia!? Para prender-me?

D. Alzira—Sim, a ti proprio! O chefe de policia mandou prender teu pai e o soldado que o levou, disse que tambem te viria buscar e á tua maninha.

Rubens—Ah! que desgraça! Mas que quererão fazer de nós?

D. Alzira—Nada: apenas sereis encerrado numa prisão e não podereis mais sahir.

Rubens—Oh, chefe de policia malvado! Que fizemos nós?

D. Alzira—Não sei. Elle não vos fará mal. Dar-vos-ão todos os dias de comer e de beber, bem como cama para dormirdes. Ficareis apenas privados da liberdade de sahir e de ver-me. Não chores! Parece-te, então, uma infelicidade tão grande, ficar preso, quando nos satisfazem todas aquellas necessidades da vida!? Olha, o chefe de policia faz com teu pai, com tua mana e contigo, o que acabas de fazer com o passarinho e os seus filhotes. E tu não és um menino mau!

Rubens—Não sou, mamã, mas ia ser! Ai! Ai! Ai! Ir para a prisão! Não, eu te solto, passarinho....

D. Alzira—Oh! Como elle voou contente! Viste com que pressa elle sahiu pela janella para ir juntar-se com os seus filhotinhos?! Alegra-te tambem, meu filho: teu pai tambem está livre e tu e tua maninha não sereis presos!

Rubens—Não?!

D. Alzira—Não, filho.


Rubens—Ah, já sei! Mamã inventou esta historia toda para eu largar o passarinho! Fez bem; o susto que eu levei me mostra bem que as pobres avezinhas não podem ser felizes dentro de uma gaiola!

Máximas Pedagógicas


Como assumpto de interesse e que se firma no methodo que naturalmente conduz á educação consciente e reflectida, publicamos as seguintes

Sentenças tiradas de Pestalozzi

- I — A Actividade é uma lei da meninice. Acostumae os meninos a fazer;—educae a mão.
- II — Cultivae as faculdades em sua ordem natural; formae primeiro o espirito para instruil-o depois.
- III — Começae pelos sentidos e nunca ensineis a um menino o que elle puder descobrir por si.
- IV — Reduzi cada assumpto a seus elementos. Uma difficuldade de cada vez é bastante para uma creança.
- V — Avançaes passo a passo. Sêde completo. A medida de uma informação não é o que o professor pode dar, mas sim o que a creança póde receber.
- VI — Cada lição deve ter um fito, quer immediato, quer remoto.
- VII — Desenvolvei a idéa; dae depois o termo. Cultivae a linguagem.
- VIII — Procedei do conhecido para o desconhecido; do particular para o geral; do concreto para o abstracto; do mais simples para o mais complicado.




A INSTRUCCÃO

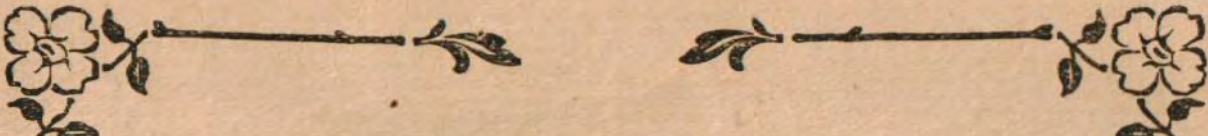


Sou como a luz do sol refulgente e fecunda.
Meu brilho sem rival aos cérebros inunda,
levado no esplendor das letras do A, B, C,
descortinando Deus e os mundos a quem lê.

Que á humanidade inteira a minha luz alcance-a,
rompendo a escuridão da mízera ignorância!
Nada existe sequer que me sirva de embargos,
abro para o progresso os horizontes largos.

As idéas geniaes, a grandeza dos povos,
a quem vivo a inspirar commetimentos novos,
somente o meu poder e a minha acção têm feito.
Luto com a escuridão e venço-a peito a peito.





Minha força maior, o throno em que me assento,
fórma um bloco de soes, chama-se pensamento.
O livro é minha base, a penna uma alavanca
que, os cérebros ferindo, invencível, arranca


áureas scintillações, fartos jorros de luz,
a fulminar o cháos que a escuridão produz.
Quem minha sombra quer, meu amparo procura,
tem no meu seio aberto a claridade pura.

Levo das gerações que dormem no passado
para as que vão nascendo o nome conquistado.
E deste sólio augusto e deste altar divino,
da História em que fulguro, em que brilho e domino,

no mais alto alcandor do meu grande poder,
maldigo quem não sabe abrir um livro e ler.
Maldigo para sempre o cérebro abjecto
que não recebe a luz das letras do alphabeto.

Bem dita seja, pois, minha missão no mundo!
Tuão se môva, emfim, das escolas em pról!
Quando a idéa recebe o meu beijo fecundo,
tem a força de um Deus, tem o brilho de um sol.

Teodoro Rodrigues





Ensino Público

(Excerptos do relatório de 1911, apresentado ao Governador do Estado pelo Desembargador Augusto Olympio, Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica).

Escola Normal

A necessidade mais palpitante do ensino publico, entre nós, é a reforma da Escola Normal.

A ella incumbe a tarefa de maior responsabilidade, no desenvolvimento da instrucção publica—a formação do mestre, —porque é elle a alma da escola; delle depende seu progresso ou sua decadencia.

H. Lovelaye escreveu em sua *Histoire de l'instruction du peuple* que «é mais facil crear um exercito de soldados, que um corpo de professores; o que prova custar menos defender o paiz contra os inimigos exteriores, que contra esse inimigo interior, que se chama a ignorancia.»

Não se inventam mestres; preparam-se para esta profissão aquelles que manifestam tendencia bem definida para ella, sem o que não supportarão as fadigas do officio.

Só uma educação especial póde fecundar essa tendencia, aclarando-lhes a noção dos deveres e fazendo que conheçam sua influencia sobre as futuras gerações confiadas aos seus cuidados.

O serviço maior que o Governo póde prestar ao ensino primario, é, pois, olhar com cuidado especial para o estabelecimento onde se prepara o professor, esse guia do espirito e da alma do povo de amanhã, representado na criança de hoje.

Dando moldes novos ao programma primario, impondo methodo diverso no seu ensinamento, nos criamos a obrigação de rever o curso normal para delle tirar bons executores para aquelles.

Não é facil a empreza, mas a ella nos aventuraremos munidos já da experiencia que anno e meio de pratica nos ha fornecido.

A reforma da Escola Normal, no que ella offerece de mais importante, se resume na boa organização do programma de cada disciplina e no methodo de ensinal-o.

Deve ser mantido o curso em 4 annos; pois para encurtal-o seria necessario reduzir o numero de materias, deficientando a cultura do professor, que antes deve de ser alargada com o estudo desenvolvido de noções de cousas, e com os de canto e gymnastica, materias comprehendidas no curso primario e de que o normal não cuida.

Para ministral-as não se faz mister senão o acrescimo de duas cadeiras, porque as noções de cousas podem ser leccionadas na cadeira de pedagogia.

Esta materia, uma das mais importantes do curso normal, deve merecer especial cuidado no seu ensinamento.

Li algures que por toda parte esta disciplina é a mais negligenciada, apesar de estar a arte de ensinar submettida a regras, que é preciso estudar seriamente, porque são ellas que dão aos mestres o conhecimento e a pratica dos melhores methodos.

Não conheço organização do curso normal, em paiz algum adiantado, que não comprehenda o ensino de canto. Elle hoje integra o ensino primario e exerce poderosa influencia no espirito da puericia.

A gymnastica, praticada como vae sendo nas escoias primarias, é elemento de valor elevado na educação physica das crianças; e seria um crime deixar esta descurada.

Seria curioso exigir dos mestres primarios o ensino de canto e gymnastica, não se comprehendendo no curso normal a aprendizagem de tão uteis, quão recreativas disciplinas.

Um dos óbices que se antepõem a uma reforma vantajosa do ensino normal entre nós, é a deficiência de espaço no edificio que serve a esse fim. Apesar de ampliado na administração passada, o predio ainda se recente de certa estreiteza, que não permite dar maior desenvolvimento ao ensino.

Não estivesse a parte terrea occupada pelo 3.º grupo escolar, destinado á pratica dos alumnos-mestres, poderemos entregal-a á Escola Normal, ganhar-se-ia espaço necessario ao desdobramento de um mais vasto programma de ensino. Temos que curvar-nos ante esta impossibilidade, porque não dispomos de predio para onde possa ser transferido o grupo, nem do seu concurso podemos prescindir.

Sua utilidade para as aulas praticas, nas quaes ensaiarão o exercicio da profissão de mestre aquelles que a ella se destinam, é manifesta, assim se o pratique séria e proficuamente.

A falta de accomodação ampla no edificio da Escola, difficultará o ensino da gymnastica e do canto, que deve ser ministrado em commum.

Não podemos, sei-o bem, collocar nossa Escola Normal em nivel igual a outras que funcionam em pontos adiantados

do paiz, notadamente a de S. Paulo, mas acredito que executando reforma cuidadosamente feita, della retiraremos resultados muito melhores que os actuaes.



A matricula, na Escola Normal, continúa em progressão animadora.

No ultimo triennio ella patenteou os seguintes dados:

	Mulheres	Homens	Total
1909	154	3	157
1910	198	16	214
1911	217	18	235

Nestes numeros não estão incluídos os candidatos extranhos admittidos a exames nas duas epochas regulamentares. Em 1909, elles foram em numero de 36, dos quaes 20 em Janeiro e 16 em Outubro; em 1910, foram 42, ou sejam 31 em Outubro e 11 em Janeiro.



No anno de 1910 concluíram o curso normal os seguintes alumnos:

1 Antonio Mendes Vieira, paraense	8,42
2 Alzira Gomes Rabello, pernambucana.	7,78
3 Donatilla Gomes de Oliveira, paraense	7,39
4 Anna Ferreira de Almeida Trindade, paraense	7,35
5 Maria Edith de Albuquerque Saraiva, cearense	7,25
6 Raymunda Napoleão da Costa e Silva, paraense	7,9
7 Joanna Marques Carepa, paraense.	7,7
8 Genoveva Déa da Silva, maranhense	7,6
9 Lucilla Rocha do Nascimento, paraense	7,2
10 Celina Hilaria de Moraes, paraense	6,94
11 Ignez Pinto de Castro, paraense	6,83
12 Duila Santos, paraense	6,71
13 Clementina Loureiro, paraense	6,57
14 Herculina H. Salgado da Silva, paraense	6,56
15 Petronilia Vieira, cearense	6,56
16 Eozina Magalhães, paraense	6,37
17 America Loureiro, paraense	6,11
18 Joaquina Arnaud, amazonense	5,87
19 Esperança Martins Vianna, paraense	5,6

Estes aspirantes ao professorado receberam seus diplomas em sessão solenne da Congregação da Escola, effectuada em 25 de Dezembro do anno passado.



A necessidade de impôr uma regra exacta e justa á matricula no 1.º anno da Escola Normal, levou o governo a baixar o decreto que em seguida reproduzo.

Elle mandou suspender o exame de admissão, estabelecendo como base para a matricula a nota do diploma de estudos primarios, com a preferéncia das melhores, sempre que o numero de candidatos exceder ao fixado no art. 32 do regulamento da Escola, isto é, fôr maior de 80.

Este criterio sempre me pareceu o mais justo.

A exigencia do exame de admissão ao candidato habilitado com o diploma de estudos primarios, tirava a este a unica prerogativa que ainda lhe resta.

Depois, era de consequencias perniciosas este segundo exame, que punha em duvida a seriedade do primeiro, auctorizando commentarios desairosos á commissão que primeiro examinava o candidato.

O resultado de um exame, a melhor ou peor nota de approvação, depende muitas vezes da felicidade occasional do examinando, da impressão moral que elle recebe por occasião dessa exhibição, em contacto com os examinadores e o auditorio.

E' muito difficil obter em duas provas successivas, ambas sobre as mesmas materias, prestadas por crianças ainda inseguras nos conhecimentos e sem a calma de espirito precisa, resultado perfeitamente igual. Elle variará forçosamente segundo o momento, o ponto indicado pela sorte e o proprio criterio dos examinadores.

Desde que me impuz o dever de fiscalizar em pessôa os exames finaes de estudos primarios, para lhes assegurar inteira seriedade e imparcialidade, não podia concordar que os actos das commissões, que tenho louvado pela lisura do seu proceder, viessem a soffrer uma contrariedade chocante aos brios do professorado, que sempre ficaria mal, como mal ficaria a commissão do exame de admissão da Escola se seu veredictum fosse sujeito ás commissões dos exames de estudos primarios.

E' este o decreto a que alludo :

DECRETO n. 1.748—de 31 de Janeiro de 1911

Toma diversas providencias sobre a matricula da Escola Normal

O Governador do Estado, adoptando a propasta que lhe foi apresentada pelo Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica, e usando da auctorisação concedida pela lei n. 1.082, de 14 de Outubro de 1909 e mantida pela de n. 1131, de 22 de Outubro de 1910, e emquanto não é publicada a refôrma da Escola Normal, decreta :



A necessidade de impôr uma regra exacta e justa á matricula no 1.º anno da Escola Normal, levou o governo a baixar o decreto que em seguida reproduzo.

Elle mandou suspender o exame de admissão, estabelecendo como base para a matricula a nota do diploma de estudos primarios, com a preferéncia das melhores, sempre que o numero de candidatos exceder ao fixado no art. 32 do regulamento da Escola, isto é, fôr maior de 80.

Este criterio sempre me pareceu o mais justo.

A exigéncia do exame de admissão ao candidato habilitado com o diploma de estudos primarios, tirava a este a unica prerogativa que ainda lhe resta.

Depois, era de consequéncias perniciosas este segundo exame, que punha em duvida a seriedade do primeiro, auctorizando commentarios desairosos á commissão que primeiro examinava o candidato.

O resultado de um exame, a melhor ou peor nota de approvaçào, depende muitas vezes da felicidade occasional do examinando, da impressào moral que elle recebe por occasiào dessa exhibiçào, em contacto com os examinadores e o auditorio.

E' muito difficil obter em duas provas successivas, ambas sobre as mesmas materias, prestadas por crianças ainda inseguras nos conhecimentos e sem a calma de espirito precisa, resultado perfeitamente igual. Elle variará forçosamente segundo o momento, o ponto indicado pela sorte e o proprio criterio dos examinadores.

Desde que me impuz o dever de fiscalizar em pessoa os exames finaes de estudos primarios, para lhes assegurar inteira seriedade e imparcialidade, não podia concordar que os actos das commissões, que tenho louvado pela lisura do seu proceder, viessem a soffrer uma contrariedade chocante aos brios do professorado, que sempre ficaria mal, como mal ficaria a commissão do exame de admissão da Escola se seu veredictum fosse sujeito ás commissões dos exames de estudos primarios.

E' este o decreto a que alludo:

DECRETO N. 1.748—de 31 de Janeiro de 1911

Toma diversas providéncias sobre a matricula da Escola Normal

O Governador do Estado, adoptando a propasta que lhe foi apresentada pelo Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucçào Publica, e usando da auctorisaçào concedida pela lei n. 1.082, de 14 de Outubro de 1909 e mantida pela de n. 1131, de 22 de Outubro de 1910, e emquanto não é publicada a refórma da Escola Normal, decreta:

Art. 1º—Fica suspenso o exame de admissão de que tratam os artigos 33 e 85 do Regulamento da Escola Normal, que baixou com o decreto n. 1207, de 2 de Abril de 1903.

Art. 2º—Encerrado o periodo da matricula no 1º anno da mesma Escola, proceder-se-á á classificação dos candidatos por ordem de merecimento, á vista dos diploma de estudos primarios, e o director determinará a matricula dos que melhores notas tiverem nos referidos diplomas, até completar o numero fixado no artigo 32 do citado regulamento, preferidos os mais velhos no caso de igualdade de notas.

§ Unico. Para conhecimento dos interessados, dentro de 3 dias contados do encerramento da matricula será publicado, no DIARIO OFFICIAL, a declaração das notas dos diplomas.

Art. 3º—Fica fixada em 13 annos a idade minima exigida para a matricula na Escola Normal, alterado assim o disposto na letra a do art. 27 do regulamento citado.

Art. 4º— Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario d'Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 11 de Janeiro de 1911. .

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO

Augusto Olympio de A. e Souza

Provocado por diversas reclamações de interessados, resolvi, por equidade, em respeito á praxe seguida em annos anteriores, permittir que aos exames da segunda época, realizados na Escola, fossem admittidos os alumnos que não tivessem podido apresentar-se nos da primeira, e aquelles a quem faltassem uma ou mais disciplinas para completarem o anno.

O officio seguinte, expedido em 8 de Janeiro do anno passado ao director da Escola, explica claramente a providencia determinada:

Em additamento ao meu officio de 14 de Outubro, n. 1558, vou a dizer-vos que, em face do artigo 75 do regulamento que baixou com o decreto n. 1207, de 21 de Abril de 1903, e por equidade, porque tem sido essa a praxe seguida pelo Governo em annos anteriores, podeis permittir que sejam inscriptos e admittidos aos exames da segunda época a realizarem-se nessa Escola no mez corrente;

a) Os alumnos do estabelecimento que, por motivo de molestia, não tenham podido apresentar-se a exame na primeira época (Outubro), seja por todas as materias do anno, seja por algumas das disciplinas;

b) Os alumnos do estabelecimento que, na fórma do artigo 60 do mesmo regulamento, não tenham sido admittidos a fazer exame e isto sómente no caso de faltar-lhes uma ou mais disciplinas para completarem o anno, já tendo assim obtido approvação em alguma das referidas disciplinas.

Não poderão, pois, ser admittidos a exame na presente época os alumnos do estabelecimento que houverem sido reprovados ou inhabilitados na primeira época e os que devam ser considerados extranhos por não contarem em seu favor a matricula no anno escolar findo, do anno onde estiveram comprehendidas as materias de que pretendem fazer exame.

Nos exames realizados nas hypothèses das letras *a* e *b* serão cumpridas as disposições do Regulamento, sem exclusão da letra *a* do artigo 60, mesmo para aquelles que tenham média inferior a 4, devendo essa media, qualquer que ella seja, ser tomada em consideração no resultado do exame.

Para poderdes dar execução ás presentes instrucções, ficaeis auctorizado a prorogar a matricula para taes exames por mais cinco dias.

Saúdo-vos.

Augusto Olympio de A. e Souza.



Mandei levantar uma relação completa dos professôres diplomados pela Escola Normal desde 1893, quando foi ella reorganizada, até 1910.

Por essa relação, que em seguida publico, em ordem alphabetica, se vê que até o anno passado foram em n. de 445 os estudantes que concluíram o curso normal e receberam na Escola o diploma de professor-normalista.

Exposição Escolar de Desenho e Pintura

Em 7 de Setembro do anno passado inaugurou-se a segunda exposição de desenho e pintura, com successo que não desmereceu o que sagrou o primeiro desses certamens, realizado na mesma data, em 1909.

Defeitos de organização inevitaveis no inicio de tentamens desta naturêza, foram corrigidos no anno passado.

O Jury da exposição conseguiu fazer um seleccionamento mais perfeito, reduzindo o numero de trabalhos admittidos pela escolha escrupulosa destes.

O numero dos expostos foi menor, mas se ganhou na qualidade, pois demônstraram melhor orientação artistica e mais acentuada aptidão dos concorrentes.

A observação do que occorreu na primeira exposição aconselhou alargar o certamen, permittindo que comprehendesse tambem trabalhos de pintura a óleo, pastel e aquarella, que da primeira pareciam excluidos, porque o regulamento não cogitara delles, mas que afinal foram tomados em consideração pelo Jury, que achou no facto antes uma lacuna que o proposito de eliminá-los da exposição.

Acatando a justa resolução do primeiro Jury, o regulamento publicado com a portaria de 1.º de Julho do anno passado dividiu a exposição em duas galerias, sendo uma de desenho e a outra de pintura, passando assim o certamen a ser

chamado de desenho e pintura, quando no primeiro anno não se fallara deste ultimo genero de trabalhos.

Regeu-se a exposição, no anno passado, pelas disposições constantes da portaria que segue, disposições que no anno corrente precisam soffrer algumas alterações, aconselhadas pela pratica.



Foram em numero de 453 os expositores que concorreram ao certamen e 641 os trabalhos expostos.

Na grande maioria, os expositores eram alumnos de estabelecimentos publicos de ensino.

O Jury de admissão ficou organizado com os Dr. Palma Muniz e professores Carlos de Azevedo e José Girard.

O Jury julgador constituiu-se com os drs. Palma Muniz e Fernando de Castro Paes Barreto e professores Carlos Azevedo, Escobar de Almeida, Jasé Girard e Francisco Estrada.

Foram conferidos por este Jury quatro primeiros e cinco segundos premios, alem de um premio de estimulo infantil, que coube a um alumno do 2.º grupo desta capital, e 60 *menções honrosas*.

Foram estes os expositores que obtiveram os premios :

Desenho a mão livre:

- 1º premio—D. Lourdes de Oliveira
- 2º premio—Antonio Luiz de Paiva
- Premio infantil—Esther Trindade

Desenho geometrico:

- 1º premio—Carlos de Miranda
- 2º premio—Lindoro B. Amarante

Pintura a óleo:

- 1º premio não foi conferido
- 2º premio—Maria da Paz e Silva

Aquarella:

- 1º premio—Lourdes de Oliveira
- 2º premio—Estrina A. da Costa

Pastel:

- 1º premio—Maria da Paz e Silva
- 2º premio—Maria de Lima e Silva

Revista do Ensino

De ha muito alimento o projecto de fundar, sob a direcção da Secretaria do Interior, uma publicação official, que debaixo do titulo de *Revista do Ensino*, se proponha, não somente a trazer o professor informado de todos os actos emanados do governo e referentes ao ensino, mas tambem a divulgar as coisas da instrucção no Estado e fóra d'elle.

A obra de remodelação do ensino publico está a exigir esse complemento indispensavel.

A Revista virá pôr ao alcance do professor vasta somma de conselhos e de lições scientificas e litterarias, que concorrerão para lhe ampliar a cultura e alargar a visão.

Mantendo variadas secções, nas quaes serão esplanadas questões doutrinarias de natureza didactica, ella fará obra proveitosa, orientando o espirito do mestre segundo os modernos preceitos da pedagogia.

Estou apparelhando os elementos necessarios á breve execução dessa idéa. Ainda este anno conto vel-a realisada com seguro successo, pois ella tem despertado calorosos applausos nos meios onde vae sendo conhecida.

Escola de Pharmacia

Tem funcionado com regularidade, até etsa data, a Escola de pharmacia fundada e mantida pelo Estado.

Estando em vigor o decreto n. 8659, baixado pelo Governo Federal em 5 de Abril deste anno, dando nova lei organica ao ensino superior e fundamental da Republica, desapareceu a vantagem da equiparação aos cursos officiaes, da qual até então a escola gosava.

O regulamento decretado n'quella data para as faculdades de medicina que continuam mantidas pela União, até que possam constituir patrimonio que lhes permita gosar a autonomia didactica e administrativa, assegurada como principio basico da reforma a todos os institutos de ensino, deu ao curso de pharmacia maior desenvolvimento, fazendo-o comprehender as seguintes materias: physica; hygiene; microbiologia; historia natural medica; chimica mineral e organica; chimica analytica; chimica industrial; toxicologia e legislação relativa á materia; pharmacologia; bromatologia (alteração e falsificação de medicamentos e alimentos).

Estas materias devem ser estudadas em tres annos, pela forma que segue:

1.º anno.—Physica; chimica mineral e organica; historia natural medica.

2.º anno.—Chimica analytica; bromatologia; pharmacologia (1.ª parte); hygiene.

3.º anno.—Pharmacologia (2.ª parte); microbiologia; chimica industrial; toxicologia.

O anterior curso de pharmacia compunha se apenas de historia natural medica, pharmacologia e materia chimica, cujo ensino era dado em dois annos por tres cadeiras.

A mantermos nossa eschola de pharmacia, precisamos accomodal-a ao novo curso, para não vermos as prerogativas do titulo que ella conferir restringidas apenas a este Estado.

O poder legislativo precisa resolver o que lhe parecer mais accorde com os interesses do Estado, auctorisando a reforma da Escola, se em sua sabedoria achar que ella deve ser mantida.



A matricula na Escola, em 1910, foi de 22 alumnos, sendo 8 no 1º anno e 14 no 2º. No corrente anno ella apresenta estes dados: matricula no 1º anno, 16 alumnos, no segundo, 3, alem de tres ouvintes, o que eleva o total a 22, como em 1910.

No anno passado concluíram o curso da Escola e receberam o gráo de pharmaceuticos, em sessão solenne da congregação, realisada em 8 de Dezembro, os 11 seguintes alumnos.

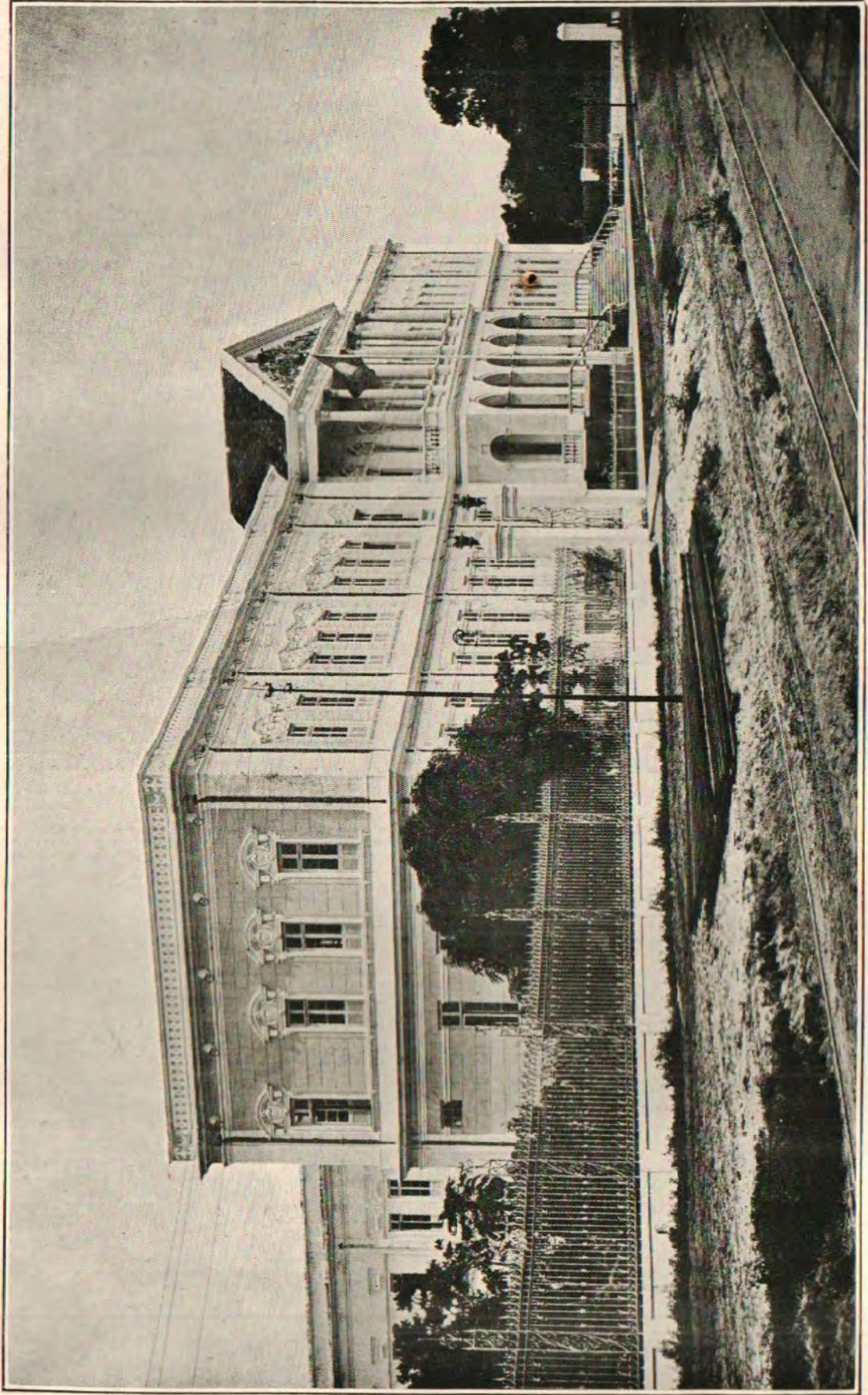
Manoel Cardoso da Cunha Coimbra
 Antonio Augusto de Carvalho Brazil
 D. Anna Celeste Coutinho de Oliveira
 D. Maria Lecticia Coutinho de Oliveira
 João Alves de Souza
 Manoel Alves Garcia
 Manoel Luiz de Paiva
 Telesphoro Estellita Ferreira
 Horacio Nunes de Mello
 Sylvio de Vilhena Brandão
 Nylo Baptista Vieira



Continúa na direcção da Escola o professor da cadeira de historia natural medica, dr. Francisco da Silva Miranda, que me apresentou o relatorio que vae em annexo.



Tendo sido convidada a Escola para se fazer representar no Congresso Internacional de Physiotherapia, que reunio em Paris, em Abril do anno passado, foi designado pelo governo



Instituto Lauro Sodré

para desempenhar essa missão o dr. Americo Vitruvio Gonçalves Campos, inspector sanitario do Estado, e, na occasião, professor interino da Escola de pharmacia.

Este facultativo deu satisfatorio cumprimento á commissão com que foi distinguido.

Bibliotheca Pública

Ficou-me muito má impressão da visita que fiz recentemente á Bibliotheca Publica do Estado.

Ella está reclamando urgentemente medidas promptas e energicas que a salvem de completo anniquilamento, pois a invasão das larvas de *anobion*, em quasi todas as suas dependencias, é completa, tendo já inutilisado numero avultado de preciosas obras e documentos, ameaçando outros.

Todos os processos de desinsecção teem sido tentados sem resultado apreciavel, e hoje se faz preciso cuidar da limpeza de cada um dos volumes.

Não preciso apontar a quem cabe a culpa disto, pois o facto revela o mais completo desprezo pelo estabelecimento da parte dos que deviam zelar por sua guarda e boa conservação.

A propria organização da bibliotheca está por fazer, porque esse nome não se póde dar, na propriedade do termo, ao amontoado de livros e papeis que nella possuímos. O proprio catalogo não está feito, pois do que foi organizado ao tempo da direcção do Sr. Arthur Vianna, quasi nada resta.

Tive a prova da anarchia que reina na arrumação da bibliotheca, tentando folhear livros que nunca foram encontrados nos lugares indicados no pseudo catalogo.

O director interino da repartição, nomeado em substituição ao funcionario effectivo, que está licenciado, reclama a nomeação de dois collaboradores e um servente extranumerario, para emprehender os serviços de catalogação, limpeza dos livros e papeis e sua arrumação.

Regendo-se ainda a Bibliotheca pelo regulamento que baixou com o decreto n. 692, de 9 de Maio de 1899, antes, portanto, de ser a ella annexado o Archivo publico do Estado, é necessario dar-lhe nova organização, modificando em mais de um ponto o regulamento vigente.

Será, então, occasião de se attender a todas as necessidades do serviço de tão importante departamento.



Em 1901, a Bibliotheca possuia 4.360 obras em 9.600 volumes; no Archivo publico, elles eram em numero de 3.583, não contando os não catalogados e encadernados.

Museu Goeldi

Continúa em prosperas condições o Museu de historia natural e ethnographia.

Suas collecções teem sido consideravelmente augmentadas, já com as offertas que de particulares recebe, já pelas acquisições obtidas pelo proprio pessoal do Muséu em suas excursões scientificas pelas diversas regiões do interior do Estado.

Está terminada a construcção do *aquarium*, auctorizada no inicio da presente administração, e a rica collecção dos nossos peixes que o povoam, constituirá, sem duvida, um dos atractivos maiores do jardim zoologico, annexo ao Museu.

Outras construcções de menor importancia, mas tendentes a melhorar gradativamente as diversas secções do estabelecimento, teem sido realizadas dentro da verba do custeio.

O pessoal scientifico do Muséu não soffreu alteração de importancia durante o anno passado.

Tendo seguido para Turim, em commissão do governo, em principio do corrente anno, o director do Museu, dr. Jacques Huber, ficou substituindo-o a dra. Emilia Snethlage, chefe da secção zoologica.

Conclusão

São estas, Sr. Governador, as informações de maior valia que julgo necessario prestar-vos sobre os diversos departamentos e serviços publicos entregues á minha immediata superintendencia.

Detalhes de menor importancia constam dos relatorios parciaes, que a este acompanham em annexos.

Complexos como são os encargos commettidos á Secretaria d'Estado do Interior, é difficil descrever em um só volume, ainda quando confeccionado com meticoloso cuidado, todos os passos feitos nesta jornada de mais de anno por caminho tão longo e de tantos desvios.

A expansão que os serviços referentes á administração publica teem tido, neste Estado, nos 21 annos de vida republicana, imposta pelo desenvolvimento de suas forças progressivas, é de tal ordem que ainda mesmo subdivididos, como estão, por tres Secretarias, o tempo é escasso para a todos se olhar com o interesse que elles reclamam.

Só os serviços referentes ao ensino publico, quando tratados com o zelo que exigem, absorvem uma actividade, dando labor incessante a uma secretaria.

Diz-me a consciencia que me tenho esforçado por fazer do cumprimento do dever a preocupação dos momentos todos da minha vida burocratica, mas, apesar disso, não poderia dentro da verdade affirmar que todos os serviços se fazem sem falhas ou defeitos.

Tenho feito o que posso, esforçando-me em corresponder á vossa confiança, cooperando, leal e interessadamente, na obra de patriotismo que vae sendo o vosso governo, por bem do engrandecimento do Pará, por gloria do vosso nome.

Permitti, terminando, que exprima o meu reconhecimento pelas reiteradas provas de vossa confiança e do vosso apreço, de que tenho feito reducto, no qual me acastello para desempenhar os meus deveres, tendo como unica mira a felicidade deste Estado, a cujo progredir consagro o melhor da minha actividade.

Saúdo-vos

AUGUSTO OLYMPIO DE A. E SOUZA



Páginas escolhidas

Por F. R.

Padre António Vieira

Esta secção, que tanto interesse despertou entre os estudiosos, iniciamo-la, no opúsculo de janeiro, com páginas do Padre Manuel Bernardes, cuja excellência como estylista fino, duma ironia grácil e mystica, e um dos mais ricos fôrões do portuguez. Hoje occupa a nossa galeria a prosa fulgurante do jesuíta ANTONIO VIEIRA. O que no autor da Luz e Calor é suavidade e candidissima louçania, em VIEIRA é o impeto eloquente, o rythmo aberto duma symphonia exuberante em motivos harmónicos. No primeiro predomina a clareza e a concisão; no missionario nomeadissimo—a opulência, o torvelhinho, a obscuridade, ás vezes, no traxulto grandilocuo da expressão. Bernardes exprimia exemplarmente; ANTONIO VIEIRA pintava com rara vividez as imagens, reproduzindo-as no ambiente verbal com um esplendor pàysico que surprehendia. O autor das Armas da Castidade crevia para ser lido á meia voz, quasi em responso, se não em attitude mental. Em voz sonora, timbre alto, como quer ora, devem ser proferidas as páginas do sermonário Vieiresco. As qualidades essenciaes da técnica de estylo de António Vieira devem ser procuradas no uso rico e maravilhoso do verbo, e no inesperado da adjectivação. Sua prosa é copiosissima em termos duma sabôr trédito, dum poder frente de desenhar e colorir.

Sobre um ponto de vista todo geral sua obra está enredada no vicio da época: o gongorismo a torna duma prolixidade por momentos fatigante.

Na maioria de passos porém, isso resulta mais de extravagante das comparações, dos jogos equívocos do sentido das palavras do que, propriamente, da syntaxe, que é sempre variadamente limpida. E que, de logar em logar, o pe-

regrino jesuita deixa de ser eloquente para abysmar-se na retórica.—Analysando tão somente sua prosa como expressão verbal da lingua portuguesa, depara-se-nos obra de artista incomparavel, de mestre real da arte de escrevêr.

A página que trasladamos evidencia sobejo os assertos que fazemos. E quando trata do estatuário, é de vêr como o missionário escritor desdobra,—marcando o matiz exacto na gradação dos tons, indicando o valor inequívoco de cada imagem representativa dos gestos da estátua,—14 verbos sequentes, cada um encerrando no âmbito de sua significação o traço inconfundível do cinzel, jogando, ao fim, á nossa contemplação, o mármore transfigurado no homem.

Deste formosíssimo engenho escreveu CAMILLO: “São os sermões do padre ANTÓNIO VIEIRA uns riquíssimos minérios do mais fino ouro pelo que respeita á lingua portuguesa. Ninguem reuniu em poucas páginas tantas palavras rubricadas pelos mestres que o precederam. As opulências que VIEIRA aditou á prosódia constituiriam o idioma português no alto ponto das linguas mais ricas, se já então houvessemos entrado em communhão de sciências com a Europa, e tivéssemos adaptado á nossa índole glótica os termos facultativos. O seu modo de adjectivar é irreprehensivel; a propriedade do epitheto é nelle tão original que a não podêmos derivar de Camões nem de Barros. Explende-lhe do génio; bafeja-lh’a a ironia, o sarcasmo, o quer que fosse de mais avançada cultura, em um meio social de mais complicadas paixões”. (1)

Pelo anno de 1608 nasceu, em Lisbôa, o padre Antonio Vieira. A sua educação juvenil recebeu-a no Brasil, em colégio que os jesuitas possuiram na Bahia. Falleceu em 1697. De sua fecunda obra de missionário em terras do Brasil não nos cabe aqui falar.

Vieira foi o maior oradôr do século dos seiscentistas. Seu archivo de escritor é opulentíssimo. Incompleta, como está, a obra do padre-artista se vantaja a 26 volumes: proferiu uns 200 sermões; escreveu para mais de 500 cartas.

A ARTE, A NATUREZA E A GRAÇA

Supposto pois que não só aos Ecclesiásticos, senam também aos seculares, nam só aos homens, senam também ás mulheres, pertence, ou de charidade, ou de justiça ou de ambas estas obrigaçoens ensinar a Fé e a Ley de Christo aos Gentios, e novos Christãos naturaes destas terras, em que vivemos, cada hum conforme seu estado; nam haja de hoje em diante, com a graça do Espírito Santo, quem se nam faça discípulo deste divino, e soberano Mestre, para o poder ser ao menos dos seus escravos. Os que sabeis a língua, tereis mayor facilidade; os que a não sabeis, tereis mayor merecimento. E huns, e outros, ou por nós mesmos (que sempre será o melhor) ou por outrem, vos deveis applicar a este tão Christão e tão devido exercício, com tal deligência, e cuidado, que nenhum falte com o pasto necessário da doutrina ás poucas ou muitas ovelhinhas de Christo, que o Senhor lhes tiver encommendadas, pois todos nesta Conquista sois Pastores, ou guardadores deste grande Pastor. Muitos o fazem, assim com grande zelo, Christandade, e edificação, mas he bem que o fação todos.

E ninguem se escuze (como escuzão alguns) com a rudeza da gente, como asima diziamos, que são pedras, que são troncos, que são brutos animaes, porque ainda que verdadeiramente alguns o sejão, ou o pareção, a indústria, e a graça tudo vence, e de brutos, e de troncos, e de pedras os fará homens.

Dizey-me, qual he mais poderosa, a graça ou a natureza?

A graça, ou a arte?

Pois o que faz a arte, e a natureza, porque havemos de desconfiar, que o faça a graça de Deos acompanhada da vossa indústria?

Concedovos, que este Indio bárbaro, e rude seja huma pedra: vede o que faz em huma pedra a arte. Arranca o Estatuário huma pedra dessas môtanhas tosca, bruta, dura, informe, e depois que debastou o mais grosso, toma o maço, e o cinzel na mão, e começa a formar hum homem, primeiro membro a membro, e depois feiçam por feição até a mais miuda: ondê-alhe os cabellôs, alisalhe a testa, rasgalhe os olhos, afilalhe o nariz, abrelhe a boca, avultalhe as faces, tornêalhe o pescoço, estendelhe os braços, empalmalhe as mãos, dividelhe os dedos,

lançalhe os vestidos: aqui desprega, alli arruga, acolá recama: e fica hum homem perfeito, e talvez hum Santo, que se póde por no Altar. O mesmo será cá, se a vossa indústria não faltar á graça divina. He huma pedra, como diseis, esse Indio rude?

Pois trabalhay, e continuay com elle (que nada se faz sem trabalho, e perseverança) applicay o cinzel hum dia, e outro dia day huma martelada, e vós vereis como dessa pedra tosca, e informe, fazeis nam só hum homem, senão hum Christão, e póde ser que hum Santo.

Não he menos, que promessa, e profecia do mayor de todos os Profetas.

Poderoso he Deos a fazer destas pedras filhos de Abraham.

Abraham he o Pay de todos os que tem Fé: e dizer o Bautista, que Deos faria de pedras filhos de Abraham, foi certificar, e profetisar, que de Gentios idóiatras, bárbaros, e duros como pedras, por meyo da doutrina do Evangelho havia Deos de fazer não só homens, senam Fieis, e Christãos, e Santos. Assim o profetizou o Bautista: e assim como elle foi o Profeta deste milagre, vós sereis o instrumento delle. Ensinay, e doutrinay essas pedras, e fareis de pedras nam estátuas de homens, senam verdadeiros homens, e verdadeiros filhos de Abraham por meyo da Fé verdadeira. O que se faz nas pedras, mais facilmente se pode fazer nos troncos, onde he menor a resistencia e a bruteza.

Só para fazer de animaes homens, não tem poder, nem habilidade a arte, mas a natureza sim: e he maravilha, que por ordinária o não parece. Vêdea. Fostes á caça por esses bosques, e campinas, matastes o Veado, a Anta, o Porco montéz: matou o vosso escravo o Camaleão, o Lagarto, o Crocudilo: comeo elle com seus praceiros; comestes vós com os vossos amigos: e que se seguio? Dalli a oito horas, ou menos (se com menos se contentar Galeno) a Anta, o Veado, o Porco montéz, o Camaleão, o Lagarto, o Crocudilo, todos estão convertidos em homens: já he carne de homem o que pouco antes era carne de feras. Pois se isto póde fazer a natureza por força do calor natural, porque o nam fará a graça muito mais efficazmente por força do calor, e fogo do Espirito Santo? Se a natureza naturalmente póde converter animaes feros em homens, a graça sobrenaturalmente porque nam fará esta conversão? O mesmo Espirito Author da graça o mostrou assim, e o ensinou

a São Pedro. Estava São Pedro em oração na cidade de Loppe: eis que vê abrirse o Ceo, e descer hum como grande lançol (assim lhe chama o Texto) suspenso por quatro pontas, e no fundo delle huma multidão confusa de feras, de serpentes, de aves de rapina, e de todos os outros animaes sylvestres, bravos, asquerosos, e peçonhentos, que na Ley Velha se chamavão immundos. Tres vezes na mesma hora vio São Pedro esta representação; cada vez mais suspenso, e duvidoso de que poderia significar: e tres vezes ouviu juntamente hum voz, que lhe dizia: Eya Pedro, matay, e comey. As palavras nam declaravão o enigma, antes o escurecião mais, porque lhe parecia a São Pedro impossivel, que Deos que tinha vedado aquelles animaes, lhos mandasse comer. Batem á porta neste mesmo ponto, e era hum recado, ou embayxada de hum Senhor Gentio, chamado Cornélio, Capitão dos prefídios Romanos de Cesarêa, o qual se mandava offerecer a São Pedro, para que o instruisse na Fé, e o bautizasse. Este Gentio, como diz Santo Ambrósio, foi o primeiro que pedio, e recebeu a Fé de Christo: e por este effeito, e pela declaraçam de hum Anjo entendeu então São Pedro o que significava a visão. Entendeu que aquelle lançol tão grande era o mundo, que as quatro pontas, por onde se suspendia, eram as quatro parte delle; que os animaes feros immundos, e reprovados na Ley, eram as diversas naçoens de Gentíos bárbaros, e indómitas que até então estavam fóra do conhecimento, e obediência de Deos, e que o mesmo Senhor queria que viessem a ella. Até aqui o Texto, e a intelligência delle.

Mas se aquelles animaes significavão as nações dos Gentios, e estas nações queria Deos, que São Pedro as ensinasse, e convertesse, como lhe manda, que as mate, e que as coma? Por isso mesmo: porque o modo de converter feras em homens, he matando-as, e comendo-as: e nam ha cousa mais parecida ao ensinar, e doutrinar, que o matar, e o comer. Para hum fera se converter em homem, ha de deixar de ser o que era, e começar a ser o que nam era; e tudo isto se faz matando-a, e comendo-a: matando-a, deixa de ser o que era, porque morta já nam he fera: comendo-a, começa a ser o que não era, porque comida, já he homem. E porque Deos queria que São Pedro convertesse em homens, e homens fieis todas aquellas feras, que lhe mostrava, por isso a voz do Ceo lhe dizia, que as matasse, e as comesse. Querendolhe dizer,

que as ensinasse, e doutrinasse; porque o ensinar, e doutrinaria havia de fazer nellas os mesmos effeitos, que o matar, e o comer. Ouvi a São Gregório Papa. Querendo Deos que São Pedro ensinasse a Fé àquelles Gentios, diz-lhe que os mate, e que os coma; porque o que se mata, deixa de ser o que he; e o que se come, converte-se na substância, e nos membros de quem o come. E ambos estes effeitos havia de obrar a doutrina de São Pedro naquelles Gentios feros, e bárbaros. Primeiro havião de morrer, porque havião de deixar de ser Gentios, e logo havião de ser comidos, e convertidos em membros de São Pedro, porque havião de ficar Christãos, e membros da Igreja, de que São Pedro he a cabeça. De maneira, que assim como a natureza faz de feras homens, matando, e comendo, assim tambem a graça faz de feras homens, doutrinando, e ensinando. Ensinastes o Gentio bárbaro, e rude; e que cuidais que faz aquella doutrina? Mata nelle a fereza, e introduz a humanidade; mata a ignorância, e introduz o conhecimento; mata a bruteza, e introduz a razão; mata a infidelidade, e introduz a Fé: e deste modo por huma conversão admiravel o que era fera, fica homem, o que era Gentio, fica Christão; o que era despojo do peccado, fica membro de Christo, e de São Pedro: *Occide, e manduca*. E como a graça do Espirito Santo por meyo da doutrina da Fé, melhor que a arte, e melhor que a natureza, de pedras, e de animaes sabe fazer homens; ainda que os destas conquistas fossem verdadeiramente, ou tão irrationaes como os brutos, ou tão insensiveis como as pedras, nam era bastante difficuldade esta, nem para desculpar o descuido, nem para tirar a obrigação de os ensinar. (1)

NOTA:— Para que o leitor possa comparar as variações que ha soffrido a escrita portuguesa, mantemos inalteravel a orthographia do autor. Apenas referiremos que a expressão *baptismo* era usada parallelamente com a hoje em voga—*baptismo*. E' forma archaica que vem desde o século XV, como se vê da *Estória de Vespasiano* (J. L. VASCONCELLOS,— *Textos Archáicos*, pg. 49.). Vid. BLUTEAU, *Vocabulário*, vol. II. Tambem LANÇOL é modo do português antigo. BLUTEAU (vol. 5.) não menciona ainda o vocábulo moderno lençol. E VITERBO no seu *Elucidário* (vol. II), inserindo as duas variantes, observa, differenciando d'aquella palavra a simples toalha do altar: "As toalhas não são peças de ornato, mas de necessária preparação do altar: donde se vê serem *cortinas*, que naquelle bom tempo ordinariamente eram de linho".

[1] SERMOENS, vol. III. pgs. 418—423, ed. de 1633.

Nótulas d'Arte

CONCERTO JOÃO NUNES

Comprehendendo a cultura esthética como o mais alto grau da educação, a Revista do Ensino não poderia deixar de fazer commentário ao concerto que, no theatro da Paz, realizou o pianista João Nunes.

As festas d'arte, entre nós, escaceiam por fórma a nos fazerem esquecer a existência de certas modalidades da arte. Raramente se nos offerece, portanto, o ensejo feliz duma audição musical.

O programma do concertista deixava logo vêr, para quem não o conhecesse, um espírito educado no grande ambiente dos mestres, e capaz, de conseguinte, de traduzir as mais delicadas *expressões*, tecer os mais complicados arabescos, attento as difficuldade moraes e técnicas que os números representavam.

Para darmos uma idéia de synthese sobre o valôr do pianista, diremos que suas qualidades dominantes são a clareza, a exactidão subtil, a par duma commovida serenidade.

Do programma que o pianista com mestria executou destacaremos a *Sonata*, de Chopin, e a *Rhapsódia húngara*, de Liszt, como obra larga de inspiração, de factura complexa, e ás quaes João Nunes, com seu brilho sóbrio, seu sentimento penetrante, emprestou uma unidade de poema, dum traço firme e acabado no contorno musical.

Ainda de Chopin foi uma delícia o *scherzo*, op. 31, e a valsa nº 3. Um verdadeiro acontecimento como effeitos rythmicos, foi a *Sonata em la* de Scarlati. Toda a sciência manual do pianista se exhibiu numa prova fremente, duma riqueza de digitação admiravel.

Para nosso gosto particular a attracção vehemente do programma eram os numeros que se assignalavam pelo nome de Claudio Debussy. E tanto no *Jardim á chuva* como na *Ilha ridente*, João Nunes nos deu a grande emoção da arte aristocrática e bizarra do symbolista francês. Principalmente a *Ilha*

alegre evocou plasticamente aspectos visuaes, sombras de arvores múrmuras, adágios tristíssimos d'águas soluçando...

Como técnica João Nunes é um concertista em destaque no meio brasileiro; e como compreensão das obras que interpreta elle se affirma como uma intelligência lúcida, duma clareza de intendimento pouco em voga entre os nossos artistas.—E' essa qualidade *intellectual* que lhe marca o traço vivo duma personalidade esthética inconfundivel, que lhe cortando certos arroubos do sentimento, empresta a sua arte estados conscientes seductores pela serena tranquillidade de sua força como emoção humana e representação artística da natureza.

PROGRAMMA

1.ª PARTE

1, Chopin,—Sonata, op. 35.

- I—Grave, Doppio movimento;
- II—Scherzo;
- III—Marche Funébre;
- IV—Finale.

Das quatro sonatas que escreveu *Chopin* (3 para piano), a em si bemol menor é sem dúvida a que encerra maior somma de bellezas. Composta após o ataque de grave enfermidade que o anniquilou, ella reflecte o estado duma alma que se sente velada a toda hora pelo p'féstigio sobrenatural da morte. Primeiramente *Chopin* compusera a *Marcha fúnebre*, que é familiar em toda a parte, e que fórma na sua perfeição de factura, uma obra acabada, e independente.

Esta terceira parte suggestionou naturalmente ao grande artista a idéa de escrever o *Poema da Morte*.

Abre a sonata um *allegro agitado*, em que o espanto se caracteriza numa ánsia inquieta, vertiginosa ante a imagem do ponto final da viagem terrena. Como o desdobramento análogo, uma sequencia lógica do pavor, o segundo canto do poema, o *scherzo*, evoca o perfil cabalístico da morte rondando um festival nocturno, a alacre vividez dum baile, em que os convivas se desprendem das alegrias voluptuosas: paira no ambiente o presentimento fatídico das coisas irrevogaveis, da fatalidade divina dos destinos.

A *marcha fúnebre*, lamentosa, plangente, aberta num choro de soluços dos vencidos, é o dobre final das agonias supremas, o hymno do anniquilamento, a glorificação da Morte. Que differença de expressão musical, e de efeitos emotivos entre esta página e a de *Beethoven* (sonata em lá bemol, op. 12)—*marcha fúnebre sulla morte dun eroe!* A de *Beethoven* tem uma amplitude formidavel, heróica, triumphal, é a orquestração do juízo final. A marcha de *Chopin* é resignada e múrmura, dum pathético virginal, quasi angélico, como um repouso das illusões. A' IV parte—final—tem-se dado vária interpretação. Alguns a julgaram de começo coisa inintelligivel, sem

nexo músico, sem significação de idéa. Modernamente alguns interpretes de Chopin fazem-na traduzir a hora trágica do *dies iræ*, num movimento furibundo. JOÃO NUNES, porém, dá-lhe a interpretação seguida pelos melhores traductores do mestre: e assim o pianista brasileiro lê no sussurro amplexo de seu canto o dispersar confuso dos murmurios da multidão, o regresso incoherente da turba que volta á actividade da vida após o cortejo fúnebre. Seguindo o quadro de correspondência dos valores traçados por Lavignac esta sonata escrita em *mi bemol menor*, traduzirá uma expressão fúnebre e mysteriosa. Porque esse final da sonata não significará o apasiguamento eterno das grandes agonias da natureza, o repouso das forças que se quebraram nas desharmonias do Universo?

A perfeição do poema reside na originalidade da invenção harmónica, e na surpresa commovida dos estados d'alma que evoca com tanta intensidade.

- 2, Chopin, a) Estudos ns. 11 e 12, op. 10;
 b) Valsa, op. 34 n. 3;
 c) Nocturno, op. 48 n. 1;
 d) Scherzo, op. 31;
 3, Schubert—Liszt, Marcha Húngara.

2ª PARTE

- 4, G. Debussy a) Jardins sous la pluie; b) L'Isle Joyeuse.
 5, a) Gluck—Brahms Gavotta;
 b) Schumann, Novellete;
 c) Zanella, Tempo Di minuetto;
 d) Scariatti, Sonata em lá;
 6, e) Liszt, Rapsódia húngara, n. 2

Claude Debussy é autor ainda desconhecido do nosso público, apesar dos seus 50 annos. Artista duma excentricidade sem igual dotado de altas qualidades poéticas, é autor de poemas lyricos sobre versos de Verlaine e Baudelaire. Compôs um commentário symphónico á égloga do grande poeta francês MALLARMÉ—*L'après-midi d'un faune*, que é duma intensidade de harmonia surpreendente. O *jardim á chuva*, que tocará JOÃO NUNES, como a *Ilha alegre* revelarão aos nossos curiosos de emoções delicadas e profundas,—um compositor maravilhoso da cor e dos efeitos descriptivos.

Nesse *Jardim á chuva*, todo ennevoado, cheio de tremuras outoniças, perpassa o lamento da natureza que se agresta para a noite hybernal.—Na *Ilha alegre*, ao começo, ouve-se o murmulho das águas que a circundam num beijo acariciante, e se termina como por um hymno radioso e ridente á jactância de viver, á gloria de amar. O característico dominante da arte de Debussy, wagneriana nas suas origens, é a capacidade de representar estados plásticos. A par dessa poderosa função auditiva, ella se envolve no mysterio, no perfume evocativo das nuanças. As cores todas são diluídas, mortas na indecisão inquietante dos matizes. Debussy é o grande representante da arte symbolista na música.

Para a execução dessas páginas das *Estampas*, chama-se a attenção á delicadeza, á minúcia técnica com que JOÃO NUNES consegue efeitos deliciosos, tanto no *Jardim á chuva* como na *Ilha alegre*.

O ensino misto no Brasil

Ha pouco mais de dois annos ventilei na imprensa diaria de Belem o interessante problema pedagogico—a coeducação dos sexos offerece vantagens ao nosso desenvolvimento cultural, ou é um erro que devemos combater?

Apoiado em observações, cujos ensinamentos, posto que vexatorios á ridicula presumpção com que nos consideramos uma raça forte e destinada ás mais sublimes conquistas no campo da civilização, nos dizem, na logica insophismavel dos factos que as condições ethnicas e mesologicas, concorrentes na formação do povo brasileiro, nem sempre lhe permitem o aproveitar-se dos meios de educação, empregados com exito por gentes aquinhoadas com incontestes superioridades de clima e de raça, conclui então, como hoje, que o ensino misto, é para a nossa cultura, não um bem, como pensam ou fingem pensar os seus propugnadores, mas um grande mal, contra que devem promover uma campanha abnegada e perseverante, todos aquelles que desejam sinceramente o engrandecimento da patria.

Perdidas no tumulto fugaz dos innumerados assumptos de um jornal diario, as minhas palavras, já de si desvaliosas e sem atavios de fórma que lhes attrahissem a attenção dos leitores, rolaram despercebidas no olvido.

Quem ir-se-ia deter na azafama quotidiana, em meio ao torvelinho estuoso das mil fórmas da lucta pela vida, para desperdiçar, na leitura de um artigo pedagogico, momentos, proveitosamente empregados no trabalho ou docemente fruidos em preguiçosos lazeres?!

Agora, porém, que a REVISTA DO ENSINO anda a conclamar energias em pról do nosso aperfeiçoamento didactico, e o problema do ensino deixou de ser entre nós apenas uma fórmula vaga e palavrosa, para se tornar em preocupação real e effectiva, lá fui eu exhumar da valla commum, onde jazia exposto aos ultrages da peeira e ao tripudio das traças, o meu pobre estudo, que, á falta de outro merito, possui a patriotica sinceridade que o dictou.

E' o que vae lér quem se quizer aventurar a esse cansativo commetimento.

Ora! Os inconvenientes da coeducação... Antes nos fallasse do carnaval ou da companhia de zarzuelas—dir-se-á talvez num bocejo de tedio.

Isto não me descoroçoará. Profligo um mal, cujos funestos effeitos damnificam irreparavelmente a sociedade; e a certeza de que neste combate estou ao serviço do bem do meu paiz, fortalece-me contra o desdem, sincero ou calculado, daquelles a quem não convierem as minhas opiniões.

Em que pese á nossa ingenua preocupação de parecer adeantados, macaqueando sem discernimento alheias instituições, inadaptaveis ao nosso meio e á nossa raça, impõe-se inexoravelmente a quem, de animo sereno e collimando acima de tudo o bem da Patria, estudar o assumpto, a convicção de que o ensino misto assume entre nós as proporções de uma calamidade, a que urge dar combate a todo transe, a fim de eliminá-la, antes que os seus deleterios effeitos envenenem as mais puras fontes do vigor nacional.

Infelizmente, porém, esta verdade, que todos reconhecem, que a todos vexa com a inflexibilidade de um dictame fatal, sossobra no maremagnum de sophismas e preconceitos engendrados e mantidos pela inepecia de uns, ganancia de outros e apathica indifferença de quasi todos, para dar logar

ao desenvolvimento cada vez maior da coeducação dos sexos—*innovação avançada* que á basbaquice indigena parece o *non plus ultra* na pedagogia moderna.

Coragem é mister, bem o sei, para, sem rebuços, arrostando vaidades e ambições de toda casta, vir dizer de publico estas coisas, tão geralmente sabidas, mas tão impatrioticamente negadas.

Mas é preciso ser sincero, cumpre ao educador que pratica o magisterio não sómente como um negocio, proffigar as praticas perigosas, mesmo que as bafeje uma irreflectida *sympathia publica*; impõe-se-lhe, como um dever insophismavel, criticar o erro, por mais arraigado que elle esteja, e procurar, ao influxo da sua palavra e do seu exemplo, orientar pelo verdadeiro caminho as energias transviadas.

A' sensata opposição levantada contra as escolas mistas, têm respondido os seus propugnadores com um argumento, cujo prestigio sobre o brasileiro é irresistivel.

Asseveram os defensores da coeducação dos sexos que todos os povos cultos a empregam, auferindo portentosos elementos de progresso.

O inculcarem-no como uma das victorias do aperfeiçoamento cultural estrangeiro é a lyra de Orpheu, a cuja inebriante magia se adormentam as desconfianças mais alarmadas; e a nação inteira, por mais revoltas que lhe desperte o tal processo educativo, por mais convicta que se ache da sua inapplicabilidade ao Brazil, sopita receios, apisoa convicções, e, na ancia de seguir a par dos pioneiros da civilização, bate palmas a uma instituição em que vê irem-se derrancando as qualidades mais preciosas á vida nacional.

E no entanto a affirmação de que o ensino misto seja universalmente adoptado, não passa de uma das muitas balelas com que se engoda a simplicidade popular.

Empregado vantajosamente pelas gentes de procedencia anglo-germanica, elle tem soffrido entre os outros povos da Europa uma viva opposição, que o impugna apoiada nas differenças ethnicas e demopsychicas, a que devem corresponder fatalmente regimens culturaes tambem diversos.

Notando a prosperidade das escolas mistas na Escocia, escreve notavel pedagogista, cujos dizeres não traduzo, a fim de conservar-lhes toda a auctoridade: « On peut élever et l'on élève en effet contre ces écoles mixtes des objections qui n'ont de valeur que pour les nations où les mœurs publiques en rendent les avantages douteux. L'Amérique, l'Écosse, le Danemark, la Suède, la Suisse, où elles sont établies et florissantes, s'en trouvant fait bien et n'y remarquent aucun des inconveniens qu'ils entraîneraient dans d'autres pays ».

São palavras de Hippeau, um dos sabios a quem a França, comprehendendo, após o descalabro de 70, a urgencia de reformar a sua instrucção publica e particular, commetteu a momentosa incumbencia de irem ao estrangeiro estudar as melhores organizações de ensino, a fim de applical-as á patria.

Tomo-as do seu brilhante livrinho *L'Instruction Publique en Angleterre*, em cujo prefacio muito avisadamente elle adverte:—« Elle (a França) devra, non imiter servilement ce qu'ils (os outros povos) ont fait, mais emprunter, du moins, tout ce qui peut s'adapter à son caractère, à ses mœurs, à ses institutions, à son état social ».

O que ahi fica é de uma clareza absoluta; a opinião irrefutavel de um dos maiores representantes do educacionismo francez diz-nos categoricamente:—a o passo que os povos anglo-germanicos adoptam com vantagem o ensino misto ha paizes em que elle acarretaria inconvenientes.

Resume-se, pois, o debate a examinar, á luz da nossa historia, se o brasileiro possui as mesmas características ethnicas que á raça germanica permitem e até exigem a coeducação dos sexos, ou se, ao contrario, esta lhe é interdita por incoerciveis tendências psychicas.

Na elucidação da these que sustento, sou forçado a lembrar idéas já adduzidas por mim, n'outras occasiões, em que tenho insistido sobre a differença irreductivel e fundamental que existe entre a demopsychologia dos brasileiros e a de outros povos, cujos methodos culturaes, por isto mesmo, nem sempre nos convêm.

Nas grandes navegações com que os povos da península Iberica fecharam o cyclo da idade média, contornando a Africa, chegando á India e descobrindo a America, a raça branca affluu para as novas terras, levando-lhes a sua cultura, e em plagas até então barbaras lançou a semente da civilização, que germinou e floriu, conforme a vitalidade da arvore ethnica, de que se destacára e segundo o grau de feracidade da gleba em que fôra semeada.

E' assim que os fortes e operosos filhos das Ilhas Britannicas transformaram em pouco tempo as regiões temperadas do norte da America e do sul da Africa e da Australia em prosperos emporios de civilização, mas viram a sua tenacidade benedictina lutar em vão contra o desfavor do meio, em outras latitudes, onde as suas colonias não passam de atrasadas feitorias, que já perderam a esperança de dominar a terra nos milagres de progresso, que fizeram a historia da União Americana, ou mesmo do Canadá e da Australia.

E das colonias hespanholas, chegaram a nacionalidades prosperas apenas aquellas, como a Argentina, para cuja fundação «o hespenhol—no judicioso dizer de Euclides da Cunha—mudou de hemispherio, sem mudar de latitude».

De tudo isto resalta esmagadoramente a influencia incontrastavel do meio physico sobre o homem.

Dispensando-me de insistir sobre a situação geographica da nossa Patria, quasi toda comprehendida na zona torrida e sujeita, portanto, inevitavelmente, ao influxo malefico de um clima hostil, relancearei a vista, em rapida synthese, nos elementos ethnicos que entraram na formação do povo brasileiro.

Basta-me para isto reproduzir o que o abalisado educacionista sr. José Verissimo, estudando as nossas origens, escreveu no seu magnifico livro—*A Educação Nacional*.

«Somos—ensina o competente mestre—o producto de tres raças perfeitamente distinctas, duas selvagens e, portanto, descuidosas e indifferentes como sóem ser n'esse estádio da vida, e uma em rapido declinio depois de uma gloriosa, brilhante e fugaz illustração.

Quando iniciou a colonização do Brasil, começava a gente portugueza a experimentar os symptomas da perversão moral, que fez logo resvalar os heroicos batalhadores da Península e d'África, os ousados navegadores do mar tenebroso, os mestres de Colombo, nos cúpidos tratantes da India.

Amollecido na rapina da India, como os hespanhões na do Perú e do Mexico, imbecilizado nos faceis prazeres das terras conquistadas, de um lado enfreado pelo temor da inquisição e de outro enervado pela educação jesuitica, o povo portuguez decahia visivelmente na epocha da colonização, para a qual, é de notar, ainda cooperou com os seus peores elementos».

Accrescente-se a estas verdades o que ensina o sr. Sylvio Romero sobre a elevadissima proporção em que a esta raça, já em si esmarrida e viciada se misturaram indigenas americanos e negros d'África, e poder-se-á fazer uma idéa precisa da nossa ethnogenia.

Heterogeneas correntes ethnicas, de reconhecida inferioridade moral, reunidas sob a influencia de um clima, onde a temperatura elevada e a excessiva electrizaçãõ da atmosphera predispõem á indolencia e á volupia, amalgamaram-se, fundiram-se, produzindo o brasileiro actual, indolente, volúvel, sentimental e voluptuoso, cujo temperamento lascivo estãa fremente na exuberancia do lyrismo nacional, desde o espontaneo e pitoresco trevar dos rhapsodos anonymos, que ao som da viola descantam nos absconsos recessos dos sertões patrios, até as requintadas e fúlgidas estrophes de Bilac.

E a um povo assim, em cuja alma rugem, revoltados contra o fragil dominio de uma civilizaçãõ de quatro seculos, os grosseiros instinctos de duas raças primitivas e bronceas, poder-se-ã porventura preconizar o mesmo systema de educaçãõ praticado pelas gentes que, ha millenios, desde as remotas migrações aryanas, estanceiam nas frias regiões da Europa septentrional?

Não.

Confessemol-o sem descabidos rubores, que não é subterfugindo aos nossos defeitos que os eliminaremos.

A promiscuidade dos sexos nos estabelecimentos de ensino, necessaria aos povos germanicos, onde ella minora e aplaca a rudeza innata que lhes herdaram os asperos conquistadores do imperio romano, é perniciosa ao Brasil, onde uma raça enervada e lasciva precisa de retemperarse no ambiente austero d'um longo apprendizado moral e physico.

Isto é o que todos sentem, embora o dissimulem, receiosos dos anathemas com que a frivolidade e a ganancia, irmanadas no mais impatriotico dos apostolados, fulminam os que têm a coragem de dizer a verdade.

Felizmente as boas doutrinas, não obstante os esgares do radicalismo novidadeiro, hão de alfim dominar vencedoras a consciencia nacional, a não ser que o Brasil, empolgado pela vesania da imitação, prefira ás inspirações do bom senso, os paranoicos ensinamentos de pedagogos exaltados no culto supersticioso de tudo quanto nos vem de fóra, trazendo a fascinação entontecedora de um rotulo francez ou anglo-germanico.

Ha no livro de José Verissimo, a que já me referi, um interessante trecho, no qual o douto preceptor paraense deixa transparecer nitidamente a sua desconfiança pelas apregoadas escolas mistas.

E' o seguinte: «O que ainda se discute, ou apenas se ensaia, com ares de ousadia, em paizes como a França, o ensino misto, a coeducaçãõ dos sexos, pratica-se no Brazil ha mais de vinte annos sem que haja dado motivos *consideraveis* de queixa».

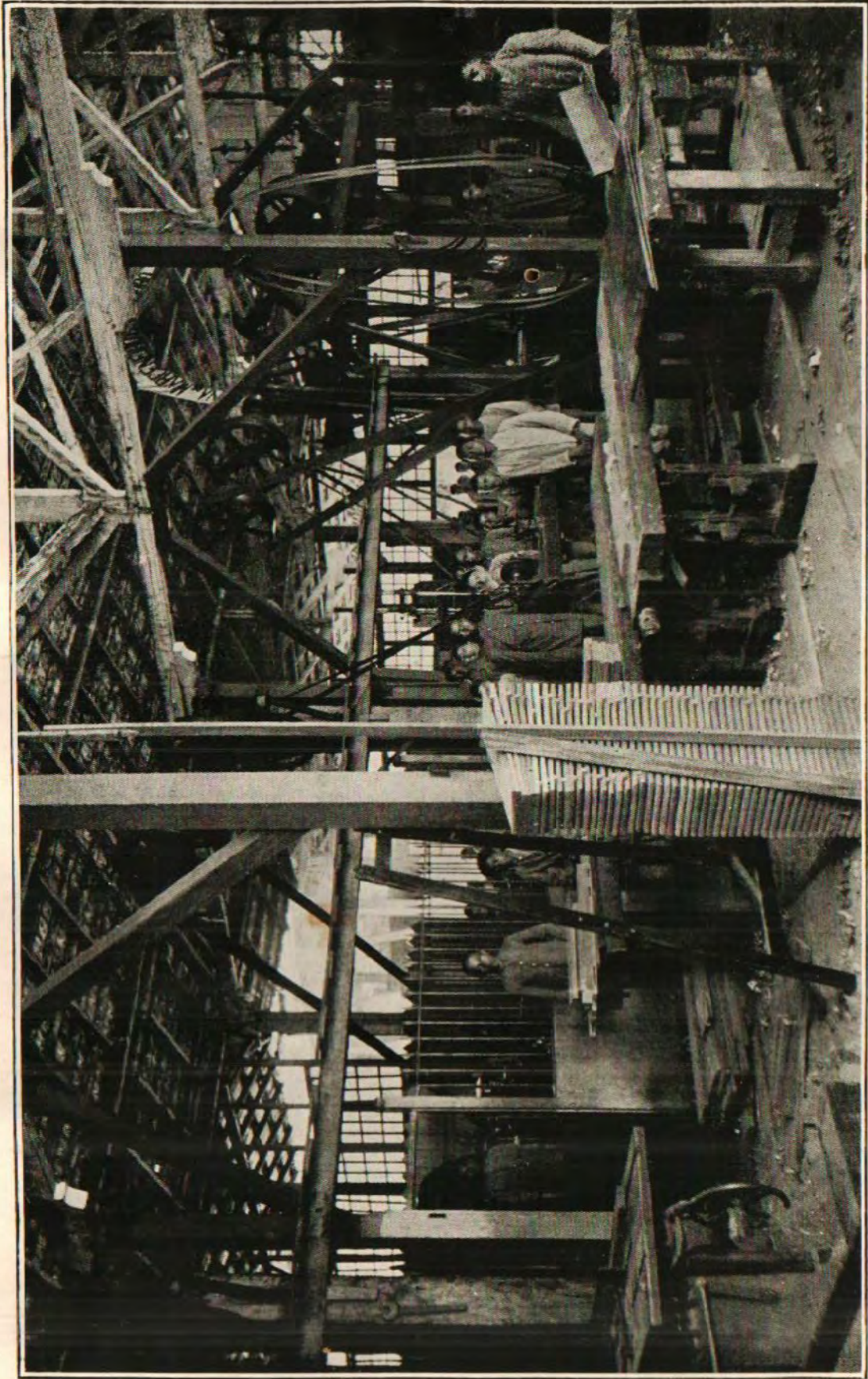
Sublinhei a palavra *consideraveis* porque, alli posta, ella delata que já então, ha mais de vinte annos, começavam-se a fazer sentir os inconvenientes da coeducaçãõ dos sexos.

E nem outra cousa póde-se concluir da phrase transcripta, pouco adiante da qual o auctor, como se quizesse accentuar a sua opinião, traça em linhas de contundente ironia o retrato moral da brasileira, educada pelas normas *adeantadas*.

Eil-o:

«As filhas de mães que não sabiam ler ou apenas liam o seu livro de missa e outras devotas obras, devoram os *Bourgets*, os *Prévosts*, os *Ohnets* e outros classicos do sentimentalismo francez.

As netas de avós que não vestiam senão de preto e modestamente, nem punham na cabeça, sobre os seus bandós achatados, outro toucado que um lenço atado sob o queixo, uma coifa, uma mantilha, ou, raro, um discreto chapelinho, rivalizam em copiar o vestuario estapafurdio e esquipatico e até as maneiras e os gestos despejados d'aquellas mulheres, cujo appellido



Instituto Lauro Sodré. — Oficina de marceneiro

suas avós nem sequer pronunciavam, por não ter a sua castiça lingua portugueza, unica que sabiam, um termo menos indecoroso com que nomeal-as, e que uma senhora pudesse dizer.»

Serão as frivolas representantes d'essa falsa cultura, que, esmaniadas nos exagêros de um snobismo cabotinesco e rediculo, advogam o feminismo e discutem as vantagens do amor livre, as mães de familia, a cuja tutelar solícitude acrisolar-se-ão na alma das gerações vindoiras as masculas virtudes, em que se alicerçará a grandeza do Brasil?

Respondam-n'o os que vêem no patriotismo, não o suggestivo e retumbante estribilho a que frequentemente se recorre para ludibriar o povo, mas, o sentimento maximo, em cuja fragua nos devemos blindar para a jornada gloriosa do futuro.

Ferreira dos Santos



FESTAS ESCOLARES

Escola Normal Revestiu-se de notavel destaque e solemni-
dade a festa de collação de gráo aos normalistas ultimamente diplomados e que se realisou no dia 14 de Janeiro ás oito e meia horas da noute, no salão nobre da Escola Normal.

Presidida pelo sr. dr. Fléxa Ribeiro, secretario do interior, justiça e instrucção pública, a sessão solemne começou por uns formosos versos recitados pelo auctor, T.^e C.^{el} Marques de Carvalho, que os dedicou aos diplomandos, seguindo-se o Hymno dos normalistas, cantado pelas alumnas, com acompanhamento de orchestra.

Usou então da palavra o sr. dr. Alfredo Chaves, lente de mathematica e paranympo escolhido, que leu bem elaborado discurso sobre a missão do professor e a reforma do ensino.

Procedida a distribuição de diplomas aos novos professores, de quem já publicamos os nomes em nosso numero anterior, falou eloquentemente a normalista Marcia Costa, oradora da turma, obtendo geraes e prolongados applausos da selecta assistencia.

Foram em seguida os premios instituidos pelo governo distribuidos do seguinte modo: o *Lauro Sodré*, á diplomada

Raymunda Ferreira ; o *Augusto Montenegro*, á normalista Maria de Carvalho Telles e os premios escolares de estimulo ao 1º, 2º e 3º annos do curso, que couberam, respectivamente, aos alumnos Magdalena Martins Lédo, Virginia Bahia e João Nelson dos Santos Ribeiro.

Ao encerrar o sympathico festival o sr. dr. secretario manifestou a satisfação que experimentava em louvar o esforço dos que se dedicam pela educação dos futuros mestres e felicitou os diplomados pelo exito collimado que acabavam de obter seus labores.

Alem do sr. dr. secretario, estiveram presentes o sr. senador Virgilio de Mendonça, intendente de Belém ; dr. Heitor Castello-Branco, director da Escola ; diversas familias, auctoridades, professores e alumnos.

Em outra parte publicamos, como promettemos, *cliché* reproduzindo o quadro em que figuram os recém-diplomados.



Mais uma vez, com a sua festa annual, realisada no dia 20 de janeiro findo, esta casa de ensino professional, **Instituto Lauro Sodré** creada e mantida pelo Estado, affirmou, diante da rigorosa imparcialidade do testemunho público, a indiscutivel utilidade da sua existencia.

Estabelecimento modelar, de onde têm sahido, para a vida pública, as mais accentuadas aptidões, o Instituto Lauro Sodré vae satisfazendo, com victoriosa gallardia, os fins alevantados a que se destina.

Dirige-o actualmente, com reconhecida competencia e zêlo, no impedimento do respectivo director, que se acha licenciado, o intelligente normalista Miguel Quintiliano de Moraes, professor do estabelecimento.

O brilhante festival do Instituto teve inicio ás 9 1/2 horas da manhã, com a assistencia de altas auctoridades da União, do Estado e do Municipio, de membros do magisterio publico, senhoras e cavalheiros da nossa sociedade e representantes da imprensa. Presidiu-n'o o exm. sr. dr. Fléxa Ribeiro, secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica, e que, no acto, representava tambem o inclyto chefe do Estado. Tinha s .s. a ladeal-o, á direita, o illustre sr. general Ilha Moreira, inspector da região militar, e o director do estabelecimento, e á esquerda, o representante do sr. intendente municipal de Belem e o lente de desenho, professor Leonel Nogueira Lima, orador official.

Produziu este interessante discurso, no qual, depois de evocar, em palavras repassadas de suggestiva saudade, o tempo em que tambem fôra a-

lumno do Instituto, discorreu longamente sobre a missão do operario na sociedade moderna. Palmas estrepitosas acolheram as suas ultimas palavras, tocando, nessa occasião, a disciplinada banda de musica do estabelecimento, — composta de 31 alumnos e completamente remodelada, sob a direcção do conhecido professor Cincinato Souza, — a marcha *Rond de Petit Pierrot*.

Seguiu-se a entrega de diplomas de 1ª classe ao alumno da officina de encadernação Waldemar Rodrigues, e de 2ª aos alumnos Alfredo Pereira do Valle, Raymundo Bento de Lima, José Avelino do Rego, Francisco Barros, Antonio Maceió, Felismino Gouvêa, Luiz Coutinho e João Paulo Barbosa.

Ao alumno Waldemar Rodrigues, operario de 1ª classe e que acaba de concluir o curso do instituto, foi entregue, pelo thesoureiro do estabelecimento, a quantia de 275\$000, proveniente do seu peculio durante o tempo que estudou como operario de 2ª classe.

Receberam, tambem, diplomas de estudos primarios, os alumnos Manoel Sarmiento, Pedro da Rosa Salgado, Washington da Encarnação, Arthur Silva, Felismino Gouvêa, Floduardo Guimarães, Antonio de Moura e Silva, Samuel do Nascimento, Alfredo Valle, Raymundo Bento de Lima, Antonio Maceió e Innocencio Luiz Barreto; e certificados de estudos elementares, José de Moraes Tavares, Belmiro da Conceição, José Rodrigues de Carvalho, Manoel Henrique de Souza, Benedicto Paiva, Juventino Baptista, José de Arimathéa e Aucel da Silva.

O sr. dr. Fléxa Ribeiro, depois de explicar o valor e a alta significação moral do premio—*Grande testemunho de satisfação*—ultimamente instituido pelo governo nos estabelecimentos publicos de ensino, entregou-o, em nome do exm. sr. dr. governador, ao alumno Raymundo Bento de Lima, que o mereceu por sua applicação aos estudos e irreprensivel comportamento.

Ainda por s. s., que disse fazel-o como secretario da instrucção publica e em seu nome particular, foi conferido ao alumno Floduardo G. da Costa o premio—*Testemunho de satisfação*.

Falou, então, o diplomando Waldemar Rodrigues, que leu um bello discurso, despedindo-se dos seus mestres e collegas e manifestando o seu sentimento de gratidão não só para com aquelles que o prepararam para a lucta pela vida, como para com o benemerito governador do Estado e seu digno auxiliar, sr. dr. secretario da instrucção pública.

Seguiu-se-lhe com a palavra o esforçado director do estabelecimento, professor Miguel Moraes, que produziu substancioso discurso, do qual reproduzimos os seguintes periodos:

« Parte hoje, deste estabelecimento, mais um obreiro para essa cruzada do bem, e ainda que a nossa alegria, ao vel-o prompto para a vida pratica, se resinta da saudade que nos deixa, nem por isso devemos deixar passar a oportunidade de mais uma vez, talvez a ultima, lembrar-lhe que os filhos deste instituto, sempre, em todos os momentos de sua existencia, têm por norma de proceder o cumprimento do dever—ideal difficil, bem o sabemos, mas digno e louvavel.

Ficæ, pois, sr. operario, com esta ultima recommendação do mestre e amigo que vos falla.

—Instituição coberta de benções, alicerçada pelo sublime sentimento que se chama caridade, este instituto, que sobremodo nos honra e do qual justamente nos desvanecemos, tem merecido de todos es governos desvellada attenção e carinhosos cuidados, sendo de justiça notar que o benemerito patriota que actualmente dirige os destinos do Estado, s. exc. o dr. João Coelho, o olha com especial sympathia e o trata com paternaes cuidados, curando com dedicação de suas necessidades.

É logico, é sobretudo justo, portanto, que o nome de s. exc. seja neste momento aqui lembrado, como um dos maiores bemfeitores do instituto.

Rogo, pois, ao exm. sr. dr. Fléxa Ribeiro, secretario da instrucção publica e seu digno representante neste acto, que transmitta a s. exc. os nossos votos de gratidão pelos favores que ha concedido a esta casa ».

Encerrou a sessão o sr. dr. Fléxa Ribeiro, num vibrante improviso, tendo palavras de animação para os alumnos, aos quaes felicitou em nome do sr. dr. governador e no seu, referindo-se tambem, de modo devéras lisonjeiro e honroso, ao actual director do instituto.

Logo após a sessão, effectuou-se, com a presença de todas as auctoridades, a inauguração da exposição de objectos manufacturados nas officinas do estabelecimento, pelos alumnos.

Entre as innumeradas obras em exposição destacamos: na secção de marcenaria, um rico guarda casaca, todo de cedro, com espelho de crystal *bisauté*; duas bellissimas camas, tambem de cedro, com adornos em alto e baixo relevo; uma bem acabada carteira toda de páu amarello, systema americano, e varias outras de grande valor artistico; na de encadernador, destacam-se dois chics albuns para postaes, cobertos de pellucia e setim, livros encadernados e dourados etc.; na de sapateiro, tinha real destaque um par de cothurnos para montaria, feito de couro de cangurú, sapatos de verniz e mais outros, entre os quaes os que são usados pelos alumnos do estabelecimento e de outros institutos de ensino do Estado. Nas demais secções, de alfaiate, ferreiro e typographo, achavam-se expostos trabalhos de grande valor e esmerada feitura.

Numa sala especial, foi offerecida ás pessoas presentes uma farta mesa de doces finos e bebidas geladas.

Ao servir-se o *champagne*, o sr. general Ilha Moreira saudou o sr. dr. governador do Estado, na pessôa do sr. dr. Fléxa Ribeiro, secretario da instrucção.—O dr. Fléxa Ribeiro agradeceu as saudações do illustre general.

Durante a solennidade, a banda de musica do estabelecimento executou o seguinte programma: marcha, «Rond de Petit Pierrot»; «Pas Redouble», «Salut a la France»; valsa, «Ponto Artistico», da lavra do professor Cininato; e schottisch «Orphila».

—Inserimos no presente fasciculo duas bellas gravuras do reputado estabelecimento: a primeira representa a sumptuosa fachada do edificio, e a segunda, a officina de marceneiro.

Pelo Magisterio

DECRETOS

—Janeiro, 1912.

Dia 2—Foi nomeada a normalista D. Benedicta de Oliveira Tavares para reger, interinamente, a 2.^a escola elementar da secção feminina do grupo de Marapanim, que se acha vaga.

Dia 4—Exonerou-se o dr. Tito Franco de Almeida de lente interino de geographia do gymnasio Paes do Carvalho, e nomeou-se, em identicas condições, o dr. Mizael Corrêa Seixas.

Dia 5—Para reger, interinamente, a escola elementar mixta de Juruty-Velho, município de Obidos, foi nomeada D. Maria das Dores de Oliveira Mello.

—A seu pedido, foi exonerado José Bezerra Lima de professor interino da escola elementar masculina da villa de Montenegro e nomeado para substituil-o, em identicas condições, Antonio Fernandes Monteiro.

Dia 8—O normalista Tertuliano Victor de Senna Brasil, professor effectivo da 2.^a escola elementar masculina do grupo de Vigia, foi nomeado para servir, em commissão, como director do mesmo grupo.

Dia 9—D. Maurilla Pinto da Silva foi nomeada professora interina da escola elementar feminina de Cachoeira, que se acha vaga.

Dia 10—Em prerogação, concedeu-se dois mezes de licença, na forma da Lei, á normalista Josephina Joaquina Ribeiro, professora effectiva da 2.^a escola elementar feminina do grupo de S. Miguel do Guamá

Dia 12—Para o cargo de adjuncta interina da 1.^a escola elementar masculina do grupo de Curuçá, foi nomeada a normalista D. Julia Teixeira.

—Transferiu-se a professora interina da escola complementar mista do grupo de Faro, normalista D. Philomena Guimarães Vianna, para a 1.^a escola elementar masculina do grupo de S. Caetano de Odivellas, e a desta escola, D. Leonilla Simplicio da Silva, para a elementar mixta da Villa de Barca-rena, que se acha vaga.

—Orlando Carvalho Guilhon de Oliveira foi nomeado para reger, interinamente, a escola elementar masculina de Collares.

—A' adjuncta effectiva do 1.^o grupo da capital, normalista D. Julieta Góes das Dores, foram concedidos 4 mezes de licença, na forma da lei, para tratamento de saúde.

—O dr. João Baptista Accioly Lins foi nomeado membro do Conselho Escolar da Vigia, como representante do dr. Governador.

—Ao normalista José da Silva Nunes, professor effectivo da 1.^a escola elementar masculina do grupo de Santarém, foram concedidos 4 mezes de licença, nos termos da Lei, para tratamento de saúde.

Dia 13—Foram concedidos 6 mezes de licença, para tratamento de saúde, á normalista D. Francisca de Salles Duarte de Campos, professora effectiva da 2.^a escola elementar feminina do grupo do Pinheiro, a contar de 4 de Novembro de 1911, e nos termos da Lei n.^o 1241, de 6 de Novembro.

Dia 15—Transferiu-se a professora da escola elementar feminina da Villa de Collares, D. Raymunda Clara dos Santos Porto, para a de igual categoria da cidade de Breves.

Dia 16—Foi nomeado Moacyr de Moraes professor interino da escola elementar masculina da cidade de Breves.

—A normalista D. Alice Moura foi nomeada para reger, interinamente, a escola complementar mista do grupo de Faro.

—Para reger, interinamente, a escola elementar feminina de Collares foi nomeada D. Raymunda Pereira Guilhon de Oliveira.

Dia 17—Ao *Collegio Progresso Paraense* concederam-se os privilegios de que trata o art. 4º da Lei nº 1220, de 6 de Novembro de 1911.

—Nomeou-se o dr. Lauro Chaves, fiscal do governo junto ao Collegio Progresso Paraense.

—A normalista D. Dolores Pires de Freitas foi nomeada professora interina da 1ª escola elementar feminina do grupo de Faro.

—A normalista D. Maria Minervina Paes de Andrade, professora effectiva da 3ª escola elementar feminina do grupo José Verissimo, foram concedidos 4 mezes de licença, na forma da Lei, para tratamento da saude.

—A seu pedido, foi exonerado Sadi Montenegro Duarte de professor interino da 1ª escola elementar masculina do grupo de Vizeu.

Dia 18—Foram concedidos quatro mezes de licença, na forma da Lei, á normalista D. Eudoxia de Jesus Alves, professora effectiva da 2ª escola feminina do grupo de Castanhal.

Dia 19—A normalista D. Maria Luiza de Souza Ferreira, professora effectiva da 1ª escola feminina do grupo de Curuçá, foram concedidos 3 mezes de licença, na forma da Lei, a contar do dia 15.

—Foram concedidos á normalista D. Thomasia de Siqueira Pinto, professora effectiva da 2ª escola masculina do grupo de Maracanã, 4 mezes de licença, na forma da Lei.

Dia 20—A normalista D. Francisca R. de Almeida Pimentel, professora da 1ª escola feminina do grupo de Abaeté, foram concedidos 6 mezes de licença, na forma da Lei.

—A normalista D. Thomasia da Paixão Guimarães, adjuncta affectiva no 4º grupo escolar (José Verissimo), foram concedidos 3 mezes de licença, na forma da Lei.

—Foi nomeada professora interina da escola elementar masculina da villa de Miraselvas, municipio de Quatipurú, a normalista D. Nazareth Pinheiro dos Santos.

Dia 22—Foram concedidos 4 mezes de licença, na forma da Lei, a contar de 16, á normalista D. Angelica Virgilia Pereira Seixas, professora effectiva da 3ª escola masculina do 2º grupo da capital.

Dia 31—A normalista D. Joanna Nogueira de Almeida Carvalho, professora da escola elementar mista de Americano, foram concedidos 6 mezes de licença, na forma da Lei.

PORTARIAS

—Janeiro, 1912

Dia 11—Foi designado o dia 22 de Janeiro, ás 8 horas da manhã, para se effectuarem, no 4º grupo escolar (José Verissimo), os exames de segunda época de estudos primarios e nomeada para servir nos ditos exames a seguinte commissão:

- normalista—D. Cecilia Magno de Araujo—português
- « —D. Virgilia Malvina da Rocha Penna—arithmeticã
- « —D. Carlota Justo Ribeiro—geographia

normalista—D. Joanna Feio de Lemos Maneschy—historia do Brasil
 « —D. Joanna Martins de Oliveira—zoologia, botanica e physica

Supplentes:

normalistas D D. Georgina de Carvalho Telles e Sylvia Falcão de Macedo Costa.

Dia 16—Foram concedidos dois mezes de licença, com ordenado, para tratamento de saúde, ao normalista Lauro de Mattos Guerreiro, professor da 1ª escola elementar masculina do Grupo de Curuçá.

Dia 17—Foi nomeada a normalista Donatilla Gomes de Oliveira para substituir, no 4º grupo escolar, a adjuncta que passar a reger a 3ª escola feminina, no impedimento da professora Maria Minervina Paes de Andrade.

Dia 18—Foi nomeada para substituir a normalista D. Maria Soeiro de Moraes Bittencourt, adjuncta effectiva no grupo escolar de Pinheiro, durante seu impedimento, a normalista D. Maria de Belem Rodrigues Baião.

Dia 19—Foram concedidos dois mezes de licença, nos termos da Lei, para tratamento de saúde, á normalista D. Amalia de Jesus Lima, da 2ª escola masculina, do 6º grupo.

Dia 20—Foi nomeada D. Esmerina Nunes Ferreira para substituir a professora da 1ª escola feminina do grupo de Abaeté: normalista D. Francisca R. de Almeida Pimentel.

Dia 22—Foram concedidos á normalista D. Ermelinda Barroso Barreto Ferreira, professora da 2ª escola feminina do grupo de Mojú, dois mezes de licença para tratamento de saúde, a contar do dia 15,

Dia 23—Foram nomeadas:—a normalista D. Oscarina Penalber, para substituir a adjuncta do 1º grupo, normalista Julieta Goes das Dcres, durante o impedimento de sua licença;—a normalista D. Cisalpina Belfort Bahia, para servir de adjuncta no 2º grupo, durante o impedimento da normalista D. Margarida Lameira Ramos Martins;—a normalista D. Ignez Pinto de Castro, para substituir a adjuncta do 4º grupo, normalista D. Thomazia da Paixão Guimarães, durante seu impedimento;—a normalista D. Graziella Moura de Paula Ribeiro, para substituir a adjuncta do 6º grupo, normalista D. Philomena Barriga Simões, durante o impedimento de sua licença.

Dia 24— Foi nomeada D. Raymunda de Souza Leal, para substituir á normalista D. Ottilia Schusterchitz, adjuncta no grupo de Castanhal, durante seu impedimento.

Dia 27—Foi concedido um mez de licença, nos termos da lei, ao porteiro do grupo de Anajás, Luiz Ferreira do Nascimento.

VÁRIAS

—Janeiro, 1912

—Com a remoção do director do grupo de Vigia para o grupo de Mosqueiro assumiu o exercicio do cargo naquelle grupo o professor Tertuliano Victor de Senna Brasil.

—Ao presidente do Conselho Escolar de Vigia foram remettidos os livros necessarios á escripta a cargo do Conselho.

—Communicou o sr. dr. Secretario da instrucção publica ao dr. João Baptista Accioly Lins e ao presidente do Conselho Escolar de Vigia ter sido aquelle nomeado membro do referido Conselho, como representante do sr. dr. governador.

—Reassumiu o exercicio de directora do Instituto Gentil Bittencourt, de que esteve afastada por algum tempo, a Revm.* Irmã A. Rita Sbrilli.

—Ao director do serviço sanitario pediu em officio o sr. dr. secretario da instrucção publica, que mande submeter a inspecção de saude para effeito de aposentadoria, o lente de allemão no gymnasio Paes de Carvalho, sr. Henrique de La-Rocque e a professora de Americano, normalista D. Joanna Nogueira de Almeida Carvalho.

—A normalista D. Maria Soeiro de Moraes Bittencourt, adjuncta no grupo de Pinheiro, foi designada para substituir á professora D. Francisca de Salles Duarte de Campos, que se acha licenciada.

—A normalista D. Geraldina das Mercês Siqueira foi designada para substituir a professora do 4º grupo, D. Maria Minervina Paes de Andrade, durante seu impedimento.

—No impedimento das normalistas D. D. Thomasia de Siqueira Pinto e Secundina Conceição, professoras do grupo de Maracanã, foram nomeados Sylvino Antonio dos Santos e D. Luiza Hyppolito Rodrigues.

—Ao director do serviço sanitario foram requisitados tubos de lymphia vaccinica contra a variola para serem remettidos ao director do grupo de Santarém.

—Teve sciencia o dr. Arthur Theodoro dos Santos Porto de que o sr. dr. governador, concedeu ao collegio "*Progresso Paraense*" equiparação aos cursos officiaes de ensino primario e secundario do Estado.

—Os professores normalistas João Pereira de Castro e Antonio Figueiredo de Jesus e Souza, foram nomeados para examinar, respectivamente, em português e arithmetica, o sr. Joaquim Nogueira Travassos Junior.



Notas e Noticias

Governo do Estado

No dia primeiro deste mês foi festivamente commemorado o 3.º anniversario do governo de S. Exc. o Sr. Dr. João Coelho. E' com desvanecimento que expressamos, tambem, as nossas felicitações a S. Exc., em cuja admnistração tanto ha progredido a instrucção publica. Este mensário é um dos mais frisantes testemunhos do devotado interesse do illustre Sr. Dr. João Coelho pela causa da instrucção.

Barão do Rio Branco

Deveras entristecidos com a irreparavel perda que trouxe á nação brasileira a morte do illustre Barão do Rio Branco, enviamos a exm. familia do benemerito morto as mais sentidas expressões de nosso pezar pela grande desventura, que de luto cobrio a alma nacional.

Como singela homenagem da Revista, estampamos um excellentre retrato do egregio patricio.

Teodoro Rodrigues

Deste nosso illustre collaborador, poeta e grammático, inserimos a bella poesia *Instrucção* e a curiosa nota sobre as proposições. Ao brilhante escritor agradecemos o empenho efficaz com que distingue esta publicação.

Para que o leitor verifique o emprego práctico da orthographia ordenada pela nossa *Academia de Letras*, estampamos as *Notas sobre as proposições* talqualmente nol-a enviou o autor.

Collegio Progresso Paraense

Aprouve ao exm. sr. dr. governador do Estado, cujo é a progressista idéa das equiparações, corporizada no decreto n. 1220, de 6 de Novembro de 1911, conceder ao reputado estabelecimento de ensino *Collegio Progresso Paraense*, que obedece á proficiente direcção do emérito educador e conhecido pedagogo dr. Arthur Porto, as mesmas vantagens actualmente asseguradas pelo governo aos institutos officiaes de ensino primario e secundario.

Começando de premiar a iniciativa particular em assumpto de tanta monta, era tambem de mistér que medidas muito para consideradas viessem despertar o estimulo da competencia, azando assim ensejo a melhorarmos continuamente pela observação os moldes e material do ensino, com que só poderá lucrar a educação da mocidade.

Inserimos na secção competente o decreto a que nos referimos.

—Ainda em decreto da mesma data nomeou o exm. sr. dr. governador para exercer as funcções de fiscal do governo junto ao *Collegio Progresso Paraense*, o dr. Lauro Chaves, espirito justo e culto, de cuja dedicação, operosidade e zêlo muito póde esperar a causa do ensino, confiada ao salutar influxo de sua illustração.

Normalista José Alves da Cunha Moreira

O magistério público do Estado acaba de soffrer desoladora e pungitiva magua com o fallecimento do inditoso normalista José Alves da Cunha Moreira, director do grupo escolar do Pinheiro.

Muito moço ainda, na phase mais productiva de sua operosidade, minou-o a roaz e persistente enfermidade, que o acaba de vencer.

O professor Moreira deixa um claro muito sensível entre seus collegas. Inteligente e trabalhador, era bem de ver-se a humildade a que se acolhia sua modestia, inconfundível com o tresvario palavreante dos fátuos. Os merecimentos que enastavam sua pouca idade, ganharam-lhe o cargo de director de grupo, em que a morte o veio colher.

O infáusto passamento teve logar nesta Capital, no dia 12 do corrente mez.

Sobre o ataúde mandou o sr. dr. secretario da instrucção publica depositar expressiva grinalda.

A Revista do Ensino, tradusindo suas condolências ás pesôas da familia enlutada, esparge as flores de sua saudade sobre a campa do pranteado moço.



Legislação do ensino

DECRETO N. 1865—DE 17 DE JANEIRO DE 1912.

Concede ao COLLEGIO PROGRESSO PARAENSE, os privilegios de que trata o artigo 4.º da lei n. 1.220, de 6 de Novembro de 1911.

O Governador do Estado, attendendo ao que requereu o bacharel Arthur Theodulo dos Santos Porto, director do *Collegio Progresso Paraense*, e usando da auctorisação concedida pelo art. 4.º da lei n. 1220, de 6 de Novembro de 1911, de accordo com os dispositivos do decreto n. 1860, de 6 de Dezembro do referido anno, que o regulamenta, e tendo em vista os documentos exhibidos, decreta:

Art. unico—Fica concedido ao *Collegio Progresso Paraense* de propriedade do bacharel Arthur Theodulo dos Santos Porto, com séde nesta cidade, equiparação aos cursos primario e secundario, na conformidade do regimen adoptado nos grupos escolares, no *Gymnasio Paes de Carvalho* e na *Escola Normal*, respectivamente, gosando o referido *Collegio* das mesmas vantagens e privilegios assegurados aos estabelecimentos officiaes congeneres.

§ unico. O *Collegio Progresso Paraense*, obrigar-se-á a aceitar as modificações que forem impostas pela reforma do curso actualmente seguido na *Escola Normal*, auctorisada pelo artigo 2º da referida lei n. 1220, de 6 de Novembro de 1911.

O sr. Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 17 de Janeiro de 1912.

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO.

José Fléxa Pinto Ribeiro.

A Revista

←Continúa a Revista do Ensino a merecer o concurso indispensavel do favor público. Cada número editado marca, incontestavelmente, um triumpho na sua peregrinação através das letras, triumpho que nos é testemunhado nos animadores applausos com que somos amiudadamente penhorados, e que acolhemos como um estímulo aos nossos esforços e á nossa boa vontade.

Assim é que continuamos a receber, não só do Estado como de vários outros pontos do País, pedidos de assignaturas, solicitando Bibliothecas e Archivos Públicos a remessa do nosso mensário.

A esse gesto de fidalga distincção procuraremos corresponder, melhorando, dia a dia, o nosso magazine, de maneira a tornal-o uma publicação de indiscutivel utilidade, satisfazendo inteiramente os fins a que se destina.

Registamos, no entanto, nas presentes linhas, e mais uma vez, a expressão do nosso reconhecimento.

←Do novel litterato sr. Martins Bessa recebemos gentilissima missiva, na qual nos agradece os termos em que noticiamos o recebimento do seu livro—*Conferencias*.

←Tambem o conhecido escriptor patricio, sr. Arthur Bomilear, trouxe-nos, pessoalmente, os seus agradecimentos, pelos conceitos emittidos, em nosso ultimo fasciculo, a proposito do seu interessante trabalho—*Conferencias nos Estados Unidos*—por Joaquim Nabuco.

←Do nosso estimavel confrade *Santarêm*, que se publica na florescente cidade que lhe dá o nome, trasladamos as seguintes linhas, que nos dizem respeito, e que agradecemos:

Revista do Ensino

Chegou até a nossa modesta banca de trabalho e acabamos de lêr o n. 3 da *Revista do Ensino*, publicação pedagogica da qual é director o desembargador dr. Augusto Olympio, Secretario d'Estado do Interior, e redactor-chefe o dr. Fléza Ribeiro.

Agradavel e salutar impressão nos deixou a leitura da *Revista*, que vem substanciosa em todas as suas paginas, revelando o criterio, a competencia e a dedicação de quem tão patrioticamente se encarrega de confeccional-a.

A continuar por essa maneira tão promettedora, muito lucrará a pedagogia em nosso Estado.

Livraria Moderna

TYPOGRAPHIA-PAUTAÇÃO-ENCADERNAÇÃO

*Completo sortimento de livros escolares;
litteratura, sciencias, poesias e jurisprudencia*

Grande deposito de livros em branco em todos os formatos

A casa que mais sortimento tem em papelaria, artigos para escriptorios
e desenho. ARTIGOS DE BAZAR

Vendas a dinheiro

SABINO SILVA

Rua João Alfredo 86 Pará

Endereço Telegraphico Moderna, Caixa postal 26

Livraria Academica

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO.

Trabalhos typographicos de primeira ordem

Pará-Chic

LIVRARIA

(DE)

M. FREITAS & C.^A

Revistas, Postaes, Musicas, Instrumentos, Fabrica e
Deposito dos deliciosos cigarros "COMMERCIO
PARAENSE", Variadissimo sortimento de
livros sobre sciencias, artes, indus-
tria, direito etc, dos mais re-
putados auctores.

Rua Cons. João Alfredo, 83

Para

Livraria Classica e Commercial

(Reunidas)

Com uma existencia de mais de 40 annos, e de todas as do Pará a mais bem sortida em livros escolares e a que vende por preços mais rasoaveis. E' editora dos seguintes compendios, approvados unanimemente pelo Conselho Superior de Instrucção Publica d'este Estado e adoptados para uso das escolas elementares e complementares:

Augusto Ramos Pinheiro

Novissimo Primeiro Livro de Leitura—contando 23 edições.
Segundo Livro de Leitura—com 17 edições.
Terceiro Livro de Leitura ou Escola, Patria e Familia
Obra preciosa para a educação civica da mocidade, com 4 edições.

Eponina de Oliveira Condurú

Livro de Nina—preciosas lições de cousas ao alcance das mais tenras idades.

Ten. te C. el Raymundo Alves da Cunha

Paraenses Ilustres

J. B. de Brito Bastos

Geometria Practica

Manoel João Alves

Collecção de Traslados

Vilhena Alves—(Fran.º F. de)

Compendio de Analyse Moderna

João Gualberto da Costa

Estudos Graduados de Leitura Manuscripta

Tem annexas bem montadas officinas de typographia, movidas a electricidade, encadernação, pautação e fabrica de livros em grande escala, para fornecer a revendedores, a preços sem competencia.

Papeis de todas as qualidades e preços

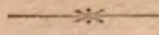
Quem uma vez comprar na Livraria Classica compra sempre

Rua Conselheiro João Alfredo,— 253

Caixa Postal—253

Telegramma—JOTASANTOS.

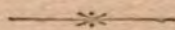
PARÁ—BELÉM



Malazarte (DRAMÁ SYMBOÓLICO DE GRAÇA ARANHA)	<i>Fléxa Ribeiro.</i>
Biología (POSICÃO DA BIOLOGIA NA JERARCHIA DAS SCIÊNCIAS; SEUS LIMITES)	<i>Acyliño de Leão</i>
Páginas escolhidas (PADRE MANUEL BERNÁRDEZ.—LENDA DA MULHER MARINHA).....	<i>F. R.</i>
A Escóla (POESIA).....	<i>Teodoro Roarizca</i>
História da Terra (QUARTA LIÇÃO.—ÉPOCAS CARBONIFERAS).....	<i>S. de Padilha.</i>
História da Arte (ESCOLAS AMERICANAS.—MEXICO, PERÚ, BOLIVIA, COLOMBIA, VENEZUELA, EQUADOR, CHILE, ARGENTINA, URUGUAY, PARAGUAY).....	<i>Paes Barreto.</i>
Questões de grammática e philologia (ANOMALIAS CONVENCIONAES DA ORTHÓGRAPIA POR- TUGUESA.—VOZES E DITONGOS NASAES).....	<i>Ferreira dos Santos</i>
Curiosidades Scientificas (A PHOSPHORESCENCIA NO MAR).....	<i>Octávio Graça.</i>
Ensino Público (EXCERPTOS DO RELATÓRIO DE 1911, APRESENTADO AC GOVERNADOR DO ESTADO)	<i>Augusto Olympio.</i>
Notícias littérrarias (<i>Discursos e conferencias</i> POR JOAQUIM NABUCO. TRADUCÇÃO DO INGLÊS DE ARTEUR POMILCAR.— <i>Conferencias</i> , POR MARTINS BÉSSA).....	<i>Fernão d'Azizara—O. N.</i>
Pelo Magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	<i>L. L.</i>
A instrucção pública nos Estados (RIO DE JANEIRO).....	<i>N.</i>
Notas e notícias	
Legislação do Ensino	
Bibliographia.....	<i>F. de S.</i>

A REVISTA DO ENSINO permutará com as publicações similares.
Toda a correspondencia que se lhe destine deve ser endere-
çada á CAIXA POSTAL n. 502 (Pará—Brasil).

SUMMÁRIO de 15 de Dezembro de 1911



Biología (CONCEITO DA BIOLOGIA.—A VIDA.—A MORTE).....	<i>Acyliño de Leão.</i>
Decadência do Darwinismo.....	<i>R. Moreira de Souza.</i>
História da Terra (SEGUNDA E TERCEIRA ÉPOCAS).....	<i>S. de Padilha.</i>
Contos (UM VEIO DE ÁGUA.—O PENÉDO AVÔ.—UMA ERVA.—O CAÇADOR.—UM RAIO DE LUZ).....	<i>Affonso Lopes-Vieira.</i>
A Pátria.....	<i>Coelho Neto.</i>
Exposição de Pintura.....	<i>Joris Koris.</i>
História da Arte (ESCOLAS AMERICANAS.—ESTADOS UNIDOS).....	<i>Paes Barreto.</i>
Ensino Público (EXCERPTOS DO RELATORIO DE 1911, APRESENTADO AO GOVERNADOR DO ESTADO).....	<i>Augusto Olympio.</i>
Uma carta.....	<i>Gonçalves Vianna.</i>
Festas escolares (ENCERRAMENTO DAS AULAS).....	<i>L. L.</i>
Pelo Magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	<i>J. F.</i>
Notas e Notícias.....	<i>N.</i>
A Revista	
Bibliographia (RELATÓRIO DO SECRETARIO D'ESTADO DO INTERIOR.—ALMA E CORAÇÃO, DE Hygino Amanajás).....	<i>O. N.</i>